

FABRÍCIO FREIRE GOMES

**BASQUETE UNIARA – O ENSINO SUPERIOR PRÓXIMO
AO ESPORTE DE RENDIMENTO**

Monografia do Curso de Especialização em
Administração Esportiva apresentada à Universidade
do Esporte/Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Wanderley Marchi Jr.

CURITIBA
2003

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	03
CAP 1 – CONCEITUAÇÃO TEÓRICA.....	06
1.1 – Sete categorias que definem o esporte moderno.....	06
1.2 – Teoria dos campos.....	10
1.3 - Modelo de competição.....	16
CAP 2 - O PROJETO ESPORTIVO DA UNIARA E AS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS NESSE CAMPO ESPORTIVO.....	21
2.1 - A criação da modalidade.....	21
2.2 – A fundação da FIBA.....	23
2.3 – A chegada do basquetebol ao Brasil.....	26
2.4 – O desenvolvimento do basquete em Araraquara.....	27
2.5 – Organização da equipe de basquete da Uniara.....	28
CAP 3 – O ESPORTE DENTRO DA INSTITUIÇÃO UNIARA.....	36
3.1 – O modelo norte-americano de esporte universitário.....	36
3.2 - Outros exemplos de centros universitários como patrocinadores/gestores.....	38
3.3 - O funcionamento do esporte dentro do Centro Universitário Uniara.....	40
CAP 4 – O MARKETING DO BASQUETE UNIARA.....	44
4.1 –Definição e início do marketing esportivo.....	44
4.2 - Missão e planejamento estratégico da Uniara.....	45
4.3 - Retorno de mídia da Uniara.....	48
CONCLUSÃO.....	52
BIBLIOGRAFIA.....	54

INTRODUÇÃO

Vindo do jornalismo e com interesse específico em esportes, o objetivo ao fazer a Especialização em Administração Esportiva é adquirir uma visão menos “ingênua” do esporte. Dessa forma, as aulas contribuíram bastante, mas a monografia oferece uma especial oportunidade, ao permitir a escolha de um tema específico para aprofundar os conhecimentos adquiridos. Com conhecimentos prévios no basquete – desenvolvi o Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo da UFSC em uma grande reportagem sobre a história do basquete francano, que acabou se tornando o livro “Franca: a cidade que respira basquete no país do futebol” – a escolha do tema da monografia saiu de uma maneira muito natural: o basquete da Uniara. Essa equipe foi escolhida pela facilidade de acesso, mas também por ser um projeto novo, ao qual tive oportunidade de acompanhar desde o início, como aficionado desse esporte.

Outro motivo determinante, é que o projeto de basquete da Uniara apresenta um planejamento diferenciado em relação à organização da modalidade no restante do país. Dessa forma, a Uniara/Araraquara, que já possui dois vice-campeonatos paulistas e um vice brasileiro, tem tudo para se tornar um dos mais importantes centros de excelência em basquete no país. O objetivo desta monografia é mostrar as medidas que já estão sendo tomadas para se alcançar essa meta. Para iniciar o desenvolvimento do trabalho, vamos começar por apresentar o município de Araraquara e a Uniara, enquanto instituição de ensino superior.

Araraquara fica na região central do Estado de São Paulo a 277 quilômetros da capital. O nome da cidade é de origem indígena e significa “morada do dia”. Hoje conhecida como “morada do sol”, Araraquara possui cerca de 200 mil habitantes e tornou-se um importante pólo agro-industrial, com destaque para a produção em larga escala de açúcar, álcool e suco de laranja. Além disso, Araraquara também possui posição de destaque no ensino superior, com o Campus da Unesp.

Para contribuir nesse processo de formação de qualidade em Araraquara, a Uniara vem expandindo e melhorando seu núcleo de ensino. A Uniara é uma instituição que é a continuidade do Colégio São Bento de Araraquara, inaugurado pela iniciativa de um grupo

de professores da cidade no ano de 1943. A escola logo se consolidou como importante centro educacional, oferecendo um curso ginásial e a então chamada escolaridade secundária, nos cursos científico e normal. Na segunda metade da década de 60, o Colégio passou a denominar-se Instituto de Educação São Bento e logo em seguida, a Instituição deu início a uma nova trajetória, implantando o primeiro curso superior. Em 1968 o Instituto foi autorizado a instalar a Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Araraquara. Em 1970 foi autorizada a Faculdade de Direito de Araraquara e, em 1971, a Faculdade de Educação, que em 1974 passou a chamar-se Faculdade de Educação e Estudos Sociais de Araraquara.

Essas faculdades ofereciam cursos de Administração, Ciências Econômicas, Direito, Estudos Sociais (licenciatura de 1º grau), História e Geografia (licenciaturas plenas) e Pedagogia (licenciatura plena com habilitações em Administração Escolar, Orientação Educacional e Magistério das Matérias Pedagógicas do 2º Grau). Para atender a legislação da época, em 1972 as Faculdades foram agrupadas em torno da Federação das Faculdades Isoladas de Araraquara, a FEFIARA.

Desde a implantação dos cursos superiores, um significativo contingente populacional da região de Araraquara adquiriu formação profissional diferenciada, contribuindo também para diferenciar o perfil das atividades da instituição. A densidade dessa experiência estimulou o raio de ação da FEFIARA. Em 1994, foi autorizado a implantar o Curso de Ciências (habilitação em Matemática – licenciatura plena) e de Ciências Biológicas (licenciatura plena e bacharelada, com ênfase em Ciências Ambientais). Esses novos cursos foram reconhecidos em 1997. Neste mesmo ano a FEFIARA foi absorvida pelo Centro Universitário de Araraquara (UNIARA). Iniciou-se um projeto de expansão com a criação de novos cursos, organizados em quatro departamentos: Ciências da Administração e Tecnologia, Ciências Jurídicas, Ciências Humanas e Sociais e Ciências Exatas e Naturais.

Atualmente as atividades da UNIARA são desenvolvidas em 3 unidades e incluem o ensino superior de graduação e pós-graduação, além das artes nas suas mais diversas manifestações, o ecoturismo e os esportes. Dessa forma, o Centro Universitário de Araraquara insere-se na própria história da cidade, como centro educacional e pólo regional

de extensão de serviços prestados à comunidade. Hoje são oferecidos 22 cursos. São eles: administração, arquitetura, biomedicina, ciências biológicas, direito, economia, educação física, enfermagem, engenharia de computação, engenharia de produção, engenharia elétrica, farmácia, fisioterapia, fonoaudiologia, jornalismo, normal superior, nutrição, odontologia, psicologia, publicidade e propaganda, sistemas de informação e turismo. No primeiro semestre de 2003, o total de alunos de graduação está em torno de seis mil, além de cerca de 300 alunos nos diversos cursos de pós-graduação.

CAPÍTULO 1 – CONCEITUAÇÃO TEÓRICA

Ao analisar uma equipe esportiva, uma modalidade ou mesmo uma competição é preciso estar atento a detalhes “extra-quadra” que vão muito além de técnicas, táticas e fundamentos. Assim, antes de descrever a estrutura diferenciada da equipe de basquete da Uniara de Araraquara, devemos resgatar alguns conceitos importantes de sociólogos e estudiosos de outras áreas que teorizaram a respeito da história do esporte e como está se constituindo o esporte moderno. Inicialmente vamos nos deter em três autores: Allen GUTTMANN com a definição de sete categorias que definem o esporte moderno; Pierre BOURDIEU com a teoria dos campos e Norbert ELIAS com seus modelos de competição.

1.1 Sete características que definem o esporte moderno.

Baseado nos conceitos weberianos, GUTTMANN faz uma análise considerando o esporte moderno como um microcosmo que reflete as estruturas constituintes da sociedade moderna ou macrocosmo¹. Para esse autor existem sete categorias que caracterizam o fenômeno esportivo. São elas: o secularismo, a equidade, a especialização, o racionalismo, a organização burocrática, a quantificação e a busca pelos recordes. Detalharemos cada uma dessas características baseado no capítulo II de *From Ritual to Record*.

Nesse capítulo, utilizando vários exemplos, GUTTMANN tenta entender o esporte moderno através da observação dos esportes primitivos, esportes antigos (gregos e romanos) e esportes medievais. Quanto à secularidade, os esportes primitivos eram invariavelmente parte de um culto religioso, embora o autor ressalte que é preciso tomar cuidado para não ampliar tanto o termo religião a ponto de se colocar todo o comportamento humano dentro da esfera do sagrado. Nos jogos gregos o caráter religioso nunca ficou em dúvida, mas já era possível localizar entre os gregos a emergência do esporte como um fenômeno secular, que gradualmente vai se tornando ordinário.

¹ GUTTMAN, Allen. **From ritual to record: the nature of modern sports.**New York: Columbia University Press, 1978.

Dessa forma, GUTTMANN considera um equívoco a tendência de escolher os esportes gregos como antecessor dos esportes modernos. A Olimpíada grega é muito mais próxima das atividades dos povos primitivos do que das Olimpíadas da era moderna. Esta se aproxima muito mais dos esportes romanos, que continuaram e acentuaram a secularidade dos esportes. Os esportes gregos eram considerados efeminados pelos romanos, que tinham em suas competições o objetivo de exercitar e manter a forma física sem qualquer forma de homenagem aos “Deuses”. Os eventos romanos, marcados pelo ideal clássico do pão e circo, também guardam uma semelhança com a idéia do espetáculo – característica nuclear de nossos dias². Posteriormente, entre os séculos XVII e XIX, a prática esportiva foi condenada pelas lideranças religiosas e o que se constata é um grande vácuo na história dos esportes. Atualmente, o esporte é um fenômeno secular. A ligação entre o secular e o sagrado foi quebrada, entre o real e o transcendental também. O tempo do esporte não é mais um tempo ritual.

A segunda característica do esporte moderno é a igualdade de oportunidades de participação. Essa condição não era encontrada entre os povos primitivos. Com o acentuado caráter religioso, as equipes eram montadas pelos “Deuses”. A primeira manifestação efetiva de igualdade foi praticada pelos gregos, que atribuíam os mesmos direitos a todos os participantes. Assim, homens e meninos eram separados pela maturidade sexual. Os romanos aceitavam a igualdade, mas não a utilizavam em todos seus eventos. Aliás, no maior de todos, que eram as lutas de gladiadores nos circos não havia nenhuma equidade. O que despertava o interesse do público era justamente as lutas desiguais entre homens e animais, homens com armas diferentes, anões e mulheres, entre outras formas.

Na atualidade, o esporte tem uma noção de igualdade muito maior que a dos gregos e isso se concretizou principalmente através das regras e das transformações sofridas por elas no curso da história. Desde os períodos medievais as regras têm no seu interior um vagaroso caminho trilhado na direção da igualdade de oportunidades. Nesse curso, essa noção representou inclusive um instrumento de luta de classes. PILATTI³ faz uma ressalva que a interpretação formulada desconsidera que ao longo do tempo as regras deixaram de

² Sobre o espetáculo ver: DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

³ PILATTI, Luiz Alberto. **Os Donos das Pistas: uma efígie sociológica do esporte federativo brasileiro**. Campinas, 2000. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

ser um facilitador das igualdades e passaram a ser transformada para uma adequação das práticas à indústria do entretenimento. Um exemplo nítido foi as mudanças ocorrida nas regras do vôlei, que mais do que procurar uma isonomia entre as equipes, teve como objetivo central adequar a modalidade aos interesses midiáticos.

Além do aperfeiçoamento das regras há duas outras segregações que o esporte moderno buscou reduzir para trazer a igualdade. Uma delas é a segregação racial e o exemplo clássico foi a Olimpíada de Berlim em 1936, quando o negro norte-americano Jesse Owens foi o grande vencedor daquela Olimpíada e acabou com o sonho do ditador alemão Adolf Hitler de provar a superioridade da raça ariana. A mais duradoura de todas as segregações foi contra a mulher. Decorrencia disso é que a primeira participação feminina em Olimpíadas foi apenas em 1912 e no atletismo em 1928.

Apesar dessa tentativa de apresentar a igualdade, o esporte moderno se evidencia pela diferença de performances e assim a distância entre as pessoas comuns e os atletas profissionais nunca foi tão visível como agora. A configuração de posições e funções diferenciadas e pré-determinadas são a terceira característica do esporte moderno: a especialização. Os gregos foram os primeiros a adequar as aptidões às suas práticas esportivas. Esse método também foi seguido pelos romanos. Os jogos medievais se caracterizavam pela não seleção de habilidades e regras indefinidas e/ou pouco claras.

Outra característica localizada por GUTTMANN nos esportes modernos é a racionalização. Para o autor, as regras sempre existiram, mas a grande diferença é que elas deixaram de ser as “instruções divinas” dos povos primitivos para se tornarem um artefato cultural. Assim, elas passaram a apresentar uma relação lógica entre os meios e os fins. Os gregos foram os primeiros a racionalizar as bases do que hoje denominamos de treinamento esportivo. Atualmente, estudos altamente sofisticados é que fornecem a direção dos esportes. A consequência dessa direção é que se romperam os ligamentos do esporte com a ética e com o humano.

Até como necessidade para organizar todas as mudanças, a burocratização vem como outra característica do esporte moderno. Mesmo sendo possível localizar aspectos burocráticos nas práticas de diferentes períodos, em tempo algum, organização semelhante pode ser encontrada. A primeira modalidade esportiva a construir um aparato burocrático,

numa concepção moderna foi o cricket. Essa organização ocorreu em 1787 e teve como local a Inglaterra. A partir daí todo o aparato burocrático foi se fortalecendo e ele que passou a administrar o desenvolvimento dos esportes, conferindo-lhes um sentido moderno, e, na época presente, passou a transformar esses esportes em produtos adequados à mídia. O controle do esporte é seu. GUTTMANN menciona como exemplo desses aparatos burocráticos a FIFA e o COI. A configuração do processo pode ser percebida na universalização das regras, na elaboração de estratégias de desenvolvimento mundial implantadas pelas organizações gestoras, no controle de recordes, na produção de espetáculos, tudo dentro de uma visão administrativa racionalmente moderna.

No resgate histórico feito, o autor sugere que a quantificação dos esportes pode ser simbolizada pela invenção do cronômetro, ocorrida em 1730. Dentro dos esportes, a quantificação tornou-se um modo de vida, uma característica e uma necessidade. Toda performance atlética tornou-se mensurável. Essa “necessidade” vem da própria sociedade, a qual, mais que nunca, distingue-se pela emergência da quantificação.

A única das sete características que se encontra presente somente nos esportes modernos é a busca de recordes. Mesmo existindo nos esportes anteriores uma tendência à comparação, a busca de recordes nunca existiu. Para concluir o raciocínio GUTTMANN indica que todas as características apresentadas são interrelacionadas. Uma tabela elaborada pelo autor sintetiza de forma didática o desenvolvimento do esporte .

Características dos esportes em diferentes épocas					
	Esportes Primitivos	Esportes Gregos	Esportes Romanos	Esportes Medievais	Esportes Modernos
Secularidade	Sim e Não	Sim e Não	Sim e Não	Sim e Não	Sim
Igualdade	Não	Sim e Não	Sim e Não	Não	Sim
Especialização	Não	Sim	Sim	Não	Sim
Burocracia	Não	Sim e Não	Sim	Não	Sim
Quantificação	Não	Não	Sim e Não	Não	Sim
Recordes	Não	Não	Não	Não	Sim

Essa caracterização de GUTTMANN baseado nos “tipos ideais” propostos por WEBER apresenta uma importante contribuição para a sociologia do esporte, principalmente por traçar paralelos entre o esporte moderno e o esporte de diversas outras épocas. Essa reconstituição é um processo que facilita visualizar como o esporte foi perdendo seu caráter de ritual para ganhar força a competitividade, expressa na busca até “desumana” pelo recorde. Apesar disso, esse modelo apresenta alguns limites como a inadequação ao esporte-espetáculo⁴.

Feitas essas considerações, PILATTI⁵ faz uma aproximação entre os esquadrinamentos de GUTTMANN e BOURDIEU. Mesmo tendo um referencial teórico divergente, os dois autores apresentam uma convergência importante: o aparato burocrático. É com a consolidação desse aparato e o desenvolvimento efetivo das funções imanentes a essas associações que surge o esporte no sentido moderno. Esse é o ponto nodal dos dois pensamentos e coloca esse aparato como fator central para uma compreensão factível social do esporte.

1.2 Teoria dos Campos

Considerando o esporte como uma das manifestações culturais que mais tem apresentado evoluções e transformações, sejam elas de ordem técnica ou referentes à forma de exposição e absorção pela sociedade, emerge o entendimento do esporte como um fenômeno social em processo de constituição. Assim, as práticas esportivas refletem, na análise de seu contexto histórico, continuidades e rupturas que caracterizam a expansão de suas fronteiras e as afirmam como objeto de estudo passível de interpretações à luz de diferentes teorias e propostas metodológicas.

⁴ Não é objetivo do trabalho levantar possíveis críticas às análises ou propostas dos autores citados, mas sim, apresentar formas de leitura sobre a historicidade dos esportes modernos. Em caso de suposto interesse na refutação do modelo e comparações de GUTTMANN, consultar PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte Espetáculo e futebol-empresa**. Campinas, 1998. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

⁵ PILATTI, Luiz Alberto. **Os Donos das Pistas: uma efigie sociológica do esporte federativo brasileiro**. Campinas, 2000. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

BOURDIEU preconiza uma forma particular de entender o esporte moderno. Para ele, as manifestações que compõem o fenômeno esportivo ocupam um espaço de práticas sociais chamado de campo, no qual atribuem-se posições compatíveis com o capital social, econômico ou cultural de cada componente. No interior desse espaço, existem formas de disputas, lutas e concorrência na busca pela hegemonia de determinadas práticas, além da distinção social das pessoas envolvidas, conforme o seu potencial de poder simbólico.⁶

Para o esporte moderno, BOURDIEU⁷ reserva a caracterização de uma representação sociocultural, introjetada na formação da sociedade, que respeita os contornos da lógica mercantil estabelecida no universo das relações humanas. A principal responsável pelo movimento dessa engrenagem é a relação constituída entre a oferta e a demanda por determinadas práticas culturais. O conjunto dessas relações pode ser comparado, analogicamente, aos pressupostos e leis que regem o mercado de produtos e consumidores.

Os esportes modernos sejam eles, invenção ou manifestação evolutiva dos jogos populares, são práticas institucionais construídas para agentes sociais com variado e distintivo potencial de consumo, que é manifestado pelas demandas no interior do campo. Assim, o fenômeno esportivo passa a ser regido pelas relações próprias da lógica do mercado, nas quais os esportes são conduzidos ao processo de espetacularização e mercantilização.

Essa transformação ocorre em parte pela superposição com outro campo distinto: o campo midiático. Um campo com uma dinâmica e ritmo próprios, onde em detrimento de aspectos como os culturais, por exemplo, busca-se a maximização de lucros. Noutro lado, temos o campo esportivo, o qual na busca desse mesmo lucro máximo, tem sua dinâmica e ritmo alterados para potencializar o negócio. Essa metamorfose submete o campo esportivo à lógica do campo midiático. São transformações muito recentes que não podem ser perfeitamente explicadas pelo modelo de BOURDIEU. De qualquer forma, a grande

⁶ Para uma análise mais detalhada dos conceitos de BOURDIEU ver MARCHI JR., Wanderleu. **“Sacando” o Voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)**. Universidade Estadual de Campinas, 2001. Tese de Doutorado

⁷ Explicações mais amplas sobre o tema são encontradas em: BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

contribuição desse sociólogo foi defender a tese que o esporte, particularmente depois dos anos 60/70, só pode ser compreendido pela ótica do consumo. Os estudos do autor se fundamentam em três aspectos centrais. São eles: a explicitação do conhecimento praxiológico, a noção de *habitus* e o conhecimento do campo.

O conhecimento praxiológico do autor deriva da forma como ele encara a sociologia e o seu processo científico. Em conferência realizada na Universidade de San Diego em março de 1986, BOURDIEU tece um comentário, até de certa maneira irônico, que a sua posição seria um “construtivismo estruturalista” ou um “estruturalismo construtivista”, tendo como fundamento para a palavra estruturalismo, o sentido a ela atribuído pela tradição lévi-straussiana.

Pelas prerrogativas estruturalistas, o autor identifica no mundo social – e não apenas nos sistemas simbólicos (mitos, linguagem etc) – a existência de estruturas objetivas autônomas das vontades e da consciência dos agentes sociais. Essas estruturas têm a capacidade de orientar as representações e as práticas de seus agentes. No entendimento de construtivismo, é destacada a operância de uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação, que são considerados como elementos constitutivos do conceito de *habitus*.

O grande problema do estruturalismo para alguns intelectuais da Antropologia, História e Sociologia é aproximar duas perspectivas – o objetivismo e o subjetivismo – que aparentemente são inconciliáveis e antagônicos. Como resolução da polêmica, BOURDIEU tenta articular dialeticamente objetivismo e subjetivismo, ator e estrutura social, o qual é chamado de praxiológico. Sintetiza o autor:

Embora com o risco de parecer muito obscuro, poderia resumir em uma frase toda a análise que estou propondo hoje: de um lado, as estruturas objetivas que o sociólogo constrói no momento objetivista, descartando as representações subjetivistas dos agentes, são os fundamentos das representações subjetivas e constituem as coações estruturais que pesam nas interações; mas, de outro lado, essas representações também devem ser retidas, sobretudo se quisermos explicar as lutas cotidianas, individuais ou coletivas, que visam transformar ou conservar essas estruturas. Isso significa que os dois momentos, o objetivista e o subjetivista, estão numa relação dialética e que, por exemplo, mesmo se o momento

subjetivista parece muito próximo quando o tomamos isoladamente nas análises interacionistas ou etnometodológicas, ele está separado do momento objetivista por uma diferença radical: os pontos de vista são apreendidos enquanto tal e relacionados a posições dos respectivos agentes na estrutura.⁸

Por conta do conhecimento praxiológico, a ação social não é mais considerada mera execução, mas sim um núcleo de significação do mundo. A sociedade não se sustenta enquanto totalidade, mas na intersubjetividade originária da ação do sujeito. É a partir desse prisma que o *habitus* passa a ser um conceito fundamental da organização de qualquer campo sociológico.

O autor descreve que *habitus* pode ser considerado como “um sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim”.⁹

A utilização dessa antiga palavra permite a aproximação com o que conhecemos por hábito, porém, diferenciando-o em um ponto considerado essencial. *Habitus* é algo adquirido e encarnado no corpo de forma durável e com o contorno de disposições permanentes. Podemos incluir no conceito a visão histórica, ou melhor, *habitus* estaria ligado à história individual, considerando que a noção pressupõe uma propriedade, um capital adquirido. Por outro lado, hábito é tido num sentido repetitivo, mecânico, automático e meramente reprodutivo.

Para BOURDIEU, *habitus* é um conceito que incorpora um enorme potencial gerador, é produzido pela história e, invariavelmente, apresenta dimensões do sistema de esquemas geradores de práticas e de percepção das práticas. Dito de outra forma, “o *habitus* é um produto dos condicionamentos que tende a reproduzir a lógica objetiva dos

⁸ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

⁹ BOURDIEU, Pierre. *Algumas propriedades dos Campos* in *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

condicionamentos, mas introduzindo neles uma transformação”.¹⁰ Assim o *habitus* pode ser entendido como uma “estrutura estruturada predisposta a funcionar como uma estrutura estruturante”. Explicando essa tendência no campo esportivo, o autor afirma:

De fato, essas antecipações pré-perceptivas, espécie de induções práticas fundadas na experiência anterior, não são dadas a um sujeito puro, a uma consciência transcendental universal. Elas são criadas pelo *habitus* do sentido do jogo. Ter o sentido do jogo é ter o jogo na pele; é perceber no estado prático o futuro do jogo; é ter o senso histórico do jogo. Enquanto o mau jogador está sempre fora do tempo, sempre muito adiantado ou muito atrasado, o bom jogador é aquele que *antecipa*, que está adiante do jogo. Como pode ele antecipar o decorrer do jogo? Ele tem as tendências imanentes do jogo no corpo, incorporadas: ele se incorpora ao jogo.

O *habitus* preenche uma função que, em uma outra filosofia, confiamos à consciência transcendental: é um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo.¹¹

Para encerrar os estudos do autor, vamos ver a definição de campo e como este conceito pode ser utilizado na análise esportiva. BOURDIEU entende o esporte como um conjunto de práticas e de consumos esportivos oferecidos a agentes sociais por instituições para suprir uma demanda social (o que indica que o esporte é acima de tudo um fenômeno cultural); além do que, o esporte passa a ter uma história própria. Estes sistemas institucionalizadores do esporte cada vez mais se especializaram em sua evolução até funcionarem como um campo. Em 1976, o autor abordou o conceito de campo como sendo “espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em partes determinadas por elas)”.¹²

Das leis gerais do conceito, destacamos que campos distintos possuem normas de funcionamento invariantes, o que torna possível a utilização do aprendizado do estudo de um determinado campo na interrogação e interpretação de outros campos. Neste processo, propriedades específicas de um campo particular são descobertas podendo fazer avançar o

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. O mercado lingüístico. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

¹¹ BOURDIEU. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

¹² BOURDIEU, Pierre. **Algumas propriedades dos Campos ...**

conhecimento dos mecanismos de funcionamento universais dos campos, mesmo com pertinência secundária em determinados momentos e circunstâncias.

O campo esportivo é composto por instituições públicas e privadas que passaram a defender e a representar esportistas de determinada modalidade. Este campo de ocorrência, onde se defrontam agentes com interesses específicos, ligados às posições que ocupam levam há formas de disputas, lutas e competição, sendo que vislumbramos em cada uma delas a especificidade das relações entre o “novo” que tenta garantir o direito de participação, e o dominante, que defende o monopólio objetivando excluir a concorrência.

Para BOURDIEU, um campo é identificado na constituição e na definição dos seus objetos de disputas e de seus interesses específicos. Os mesmos são irreduzíveis às peculiaridades de outros campos e também, imperceptíveis aos olhos das pessoas que não foram formadas no interior deste determinado campo. Para se garantir o funcionamento de um campo é necessário que existam, além dos objetos de interesse e de disputas, pessoas dotadas de *habitus* que identifiquem o conhecimento e o reconhecimento da legitimidade das leis imanentes, daquilo chamado pelo autor de “jogo”.

Outra lei geral detecta que todas as pessoas envolvidas num determinado campo têm em comum um certo número de interesses fundamentais, decorrendo daí uma cumplicidade subjacente aos antagonismos existentes no interior deste campo. Os participantes destas disputas garantem a reprodução deste “jogo” e contribuem para a produção de valor para aquilo que está sendo disputado. Há que se considerar para o estudo dos campos, o reconhecimento das histórias dos campos e das disposições que caracterizam os seus agentes sociais, pois essa vinculação permite o domínio da tradução das especificidades existentes neste espaço social.

Segundo BOURDIEU, foi através da constituição desses campos de concorrência que surge a história do esporte com leis de evolução própria e cronologia específica. O campo esportivo provém de uma ruptura (progressiva ou não) das atividades lúdicas ancestrais, até se constituir num campo de práticas específicas com lutas próprias, onde se coloca e investe toda uma cultura ou uma competência específica. Essa ruptura se deu através da separação dos exercícios corporais das ocasiões sociais ordinárias, às quais os jogos permanecem associados. Entrando principalmente dentro das escolas, o esporte

passou a ter um calendário específico até se tornarem fins. Mesmo com essa transformação dos jogos em esportes modernos, o jogo não deixou de existir.

O jogo continua e continuará a existir com sua multiplicidade de aspectos e formas culturais. Atualmente ainda existem jogos em evolução, cujo campo gradativamente vai sendo organizado, neste caso se tornando esporte, como existem jogos que serão sempre jogos. Surge assim, uma fronteira imóvel entre o jogo e o esporte, com uma circunscrição cronológica específica em cada caso, delimitada pelo campo esportivo.

Apesar disto, a passagem do jogo para o esporte moderno não é válida para tudo o que conhecemos hoje como esporte. Algumas modalidades foram inventadas, sem terem evoluído de um jogo ancestral, como é o caso do basquetebol e do voleibol, para posteriormente se tornarem esporte moderno no momento em que seu campo esportivo foi organizado. A consolidação do campo esportivo aproxima cada vez mais o esporte de um fenômeno cultural que passou a ocorrer tanto em países ricos, quanto em países pobres.

Complementando os conceitos do campo esportivo de BOURDIEU, resgataremos as análises de ELIAS, na qual ele interpreta a sociedade através das competições e regras existentes na manifestação do jogo. A tentativa de aproximação e análise dos pressupostos conceituais desses dois autores não é inédita, nem tampouco isenta de polêmicas.¹³

1.3 Modelo de competição

ELIAS também faz a utilização do conceito de *habitus*, mas de uma forma diferenciada em relação ao modelo de BOURDIEU. Um estudo comparativo realizado por Jean-Hugues Déchaux traz uma síntese adequada entre as possibilidades de “aproximação e distanciamento” dos referências dos autores a respeito da questão da historicidade.

¹³ Exemplos dessa tentativas podem ser encontrados nos seguintes trabalhos: GEBARA, Ademir. **Norbert Elias & Pierre Bourdieu: novas abordagens, novos temas**. VI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro: UGF, 1998; MICELI, Sérgio. Sociologia. **Folha de São Paulo**, 13 abril 1997. (Caderno Mais!, p11); BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **A teoria do processo de civilização de Norbert Elias: o controle das emoções no contexto da psicogênese e da sociogênese**. Marília, 2000. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de São Paulo.

... ambos reconhecem a noção de *habitus*, mas não lhe atribuem o mesmo lugar na análise. Bourdieu desconsidera a contingência histórica – diferentemente de Elias, cujo objeto é claramente histórico, genético; o *habitus* por ser “estrutura estruturante e estruturada” para Bourdieu, faz com que nele se conceda um papel, senão ausente, meramente marginal à historicidade. Norbert Elias trabalha uma teoria da civilização; uma vez estabelecido e descrito o processo, a pergunta que se coloca é: porque os *habitus* evoluem e se transformam? A orientação de sua sociologia é claramente genética: compreender e explicar a gênese do *habitus* humano. Para Bourdieu, ao contrário, não se trata de explicar o *habitus*. Mas precisamente, seu objetivo é, uma vez identificado, explicar a imutabilidade das estruturas sociais, e mais ainda a lógica, o “senso prático” das ações que concernem a tal imutabilidade; assim os dois autores se referem a quadros de análise próximos, mas para fins opostos: Bourdieu privilegia as estruturas sociais, dando ênfase ao campo e marginalizando as contingências históricas. Ao contrário, Elias se interessa pela gênese do *habitus* e as razões de sua evolução.¹⁴

Após considerar as proximidades e distinções conceituais dos dois autores, vamos detalhar um pouco mais da sociologia configuracional de ELIAS¹⁵. O autor demonstra que para compreendermos a problemática sociológica é preciso um trabalho de reorientação da compreensão do termo sociedade. Temos que diluir a idéia de que a sociedade é composta por estruturas que nos são exteriores, e avançar para o conceito de teias de interdependências ou configurações, que, no limite, nos encaminha para uma visão mais realista das disposições e inclinações das pessoas em suas variadas maneiras de relação. Nessa nova interpretação de sociedade, é preciso entender que as teias de interdependência são orientadas por forças sociais tidas como forças compulsivas e, como tais, exercidas pela, sobre e entre as pessoas. Para entender essas relações, o autor propõe o modelo de análise que toma a competição, realizada segundo as regras de um jogo, como um processo interpretativo e explicativo das interdependências funcionais na sociedade.

O primeiro modelo de competição identificado na análise de ELIAS é chamado de “primário e sem regras”. Ele representa uma situação básica, a qual encontramos sempre

¹⁴ DÉCHAUX, Jean-Hugues. N. Elias e P. Bourdieu: analyse comparée. Apud MALERBA, Jurandir. Conhecimento, linguagem e representações sob a ótica da teoria simbólica elisiana.

¹⁵ ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p11.

que os indivíduos relacionam-se uns com os outros. É um elemento constitutivo normal de todas as relações humanas e, invariavelmente, associa-se a provas de mensuração de forças, fato que nas sociedades primitivas condicionava os confrontos pela sobrevivência.

O desencadeador de tensões e conflitos, manifestados tanto nas sociedades tribais quanto nas sociedades modernas, prende-se à condição do potencial de retenção recíproca de necessidades ser geralmente desigual, indicando um poder coercivo maior de um determinado lado das relações. Em decorrência desse desequilíbrio, mudanças podem perspectivar formas violentas na distribuição do poder, sendo permitida sua expressão de forma latente durante longos períodos.

O próximo modelo de jogo é o “processo de interpenetração com normas” e suas subdivisões. Essa proposta demonstra como as teias de relações humanas mudam conforme a distribuição do poder.

A primeira abordagem trata dos “jogos entre duas pessoas”. O fator determinante nesse tipo de relação mutável é a proporção de poder existente entre os componentes, pois é esse poder que qualifica o controle exercido por determinado jogador e, de onde decorre o curso do jogo.

Outra forma de jogo é a composta de “muitas pessoas a um só nível”. Isso ocorre quando uma pessoa realiza simultaneamente um limitado número de relações independentes. A ordem estabelecida é dada na perspectiva de que a ação de cada participante não é considerada como exclusiva de sua parte. Antes, deverá ser visualizada como a continuação do processo de interpenetração da ação realizada anteriormente, a qual lhe subsidia a ação futura.

A configuração seguinte são os “jogos multipessoais a vários níveis”. É uma relação que se estabelece entre jogadores interdependentes e justamente por isso, existe um limite para a expansão da teia de interdependência, pela qual o jogador pode orientar adequadamente seu planejamento e estratégia para uma série de jogadas. Com o acréscimo de jogadores na configuração, torna-se cada vez mais improvável a execução de jogadas adequadas e pensadas a partir da posição individual estabelecida na totalidade. Dessa maneira, o desenvolver das interdependências funcionais demonstrará a impossibilidade de compreensão e controle do jogo.

O subsequente é o “jogo de dois níveis do tipo oligárquico”. Devido ao aumento no número de jogadores individuais pode haver uma desintegração. Nesse caso, forma-se dois níveis de jogadores que se mantêm interdependentes, mas já não atuam diretamente uns contra os outros. Somente no nível secundário é que se estabelece o confronto com os adversários. Tal configuração de jogo e jogadores exprime um grau de complexidade que inviabiliza o indivíduo a orientar sua decisão por conta da superioridade ou da manifestação dos seus anseios e interesses. As ações são concretizadas tanto para fora como para dentro da teia de interdependência. Percebemos aqui a formação e a existência de alianças, rivalidades e cooperação nos diferentes níveis de interpenetração.

Nessa relação hierárquica, o autor destaca que o equilíbrio de poder tende de maneira desproporcional, rígida e estável ao nível mais elevado, embora esse seja menor quantitativamente do que o nível mais baixo. Mesmo assim, a interdependência dos dois níveis na configuração impõe limitações aos seus componentes.

Encerrando essa série de classificações, temos o “jogo a dois níveis do tipo democrático crescentemente simplificado”. O modelo acontece quando se evidencia o crescimento do potencial de poder das camadas mais baixas. Esse traço pode ser detectado a partir da vigilância e da rede de precaução tecida pelo nível mais elevado na busca da manutenção do controle. ELIAS enfatiza:

Enquanto as diferenças de poder forem grandes, parecerá às pessoas de nível superior que todo o jogo e, particularmente, os jogadores de nível inferior estão lá para os beneficiarem. À medida que o equilíbrio de poder se altera, muda esse estado de coisas. Cada vez mais parece a todos os participantes que os jogadores de nível mais alto estão no jogo para benefício dos jogadores de nível mais baixo. Os primeiros tornam-se gradualmente, de uma forma mais aberta e precisa, funcionários, porta-vozes ou representantes de um ou outro grupo de nível mais baixo.¹⁶

Nessa forma de jogar, cada indivíduo apresenta-se mais limitado e constrangido pelo número de jogos simultaneamente interdependentes que se vê obrigado a realizar com

¹⁶ ELIAS, *Introdução à sociologia...*

um grupo de jogadores que estão cada vez menos inferiores socialmente. Os grupos de jogadores, de ambos os níveis, tendem a reunir-se e organizar-se de modo que a configuração permita ao indivíduo manter um certo equilíbrio entre grupos interdependentes e rivais. O decurso do jogo pelas ações individuais se enfraquece e o entendimento dessa incapacidade de controlá-lo deriva da dependência mútua das posições que os jogadores ocupam e das tensões e conflitos inerentes da teia que os entrelaçam.

O modelo de ELIAS oferece uma proposta e ajuda a interpretar a sociedade pela interdependência de pessoas enquanto participantes de um jogo específico. Esse modelo pode ser utilizado na análise de qualquer relação da sociedade, incluindo as que se dão dentro do campo esportivo. Após a descrição de alguns modelos teóricos, vamos nos próximos capítulos detalhar um pouco mais as relações do campo esportivo delimitado para esse trabalho: a equipe de basquete da Uniara de Araraquara.

CAPÍTULO 2 – O PROJETO ESPORTIVO DA UNIARA E AS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS NESSE CAMPO ESPORTIVO

Antes de detalharmos o microcosmo da equipe de basquete da Uniara, vamos fazer uma retrospectiva histórica de como o basquete surgiu, como foi a sua chegada ao Brasil, como a Federação Internacional de Basquete (FIBA) se consolidou até chegar na criação da equipe da Uniara, que em menos de uma década atingiu posição de destaque com a conquista do vice-campeonato nacional em 2002. Esse detalhamento do campo esportivo do basquete de maneira global e histórica é fundamental para entender os diferenciais da equipe de Araraquara.

2.1 A criação da modalidade

Como já foi citado anteriormente, o basquete não foi um esporte que derivou de algum jogo ancestral. Ele foi criado nos Estados Unidos no final do século XIX¹ a partir de uma necessidade local e temporal. Em 1891, o longo e rigoroso inverno de Massachussets – Estados Unidos - tornava impossível a prática de esportes ao ar livre. As poucas opções de atividades físicas em locais fechados se restringiam as entediantes aulas de ginástica, que pouco estimulavam os alunos. Foi então que Luther Halsey Gullick, diretor do Springfield College, colégio internacional da Associação Cristã de Moços (ACM), convocou o professor canadense James Naismith, de 30 anos, e confiou-lhe uma missão: pensar em algum tipo de jogo sem violência que estimulasse seus alunos durante o inverno, mas que pudesse também ser praticado ao ar livre no verão. Depois de algumas reuniões com outros professores de educação física da região, James Naismith chegou à conclusão de que o jogo deveria ter um alvo fixo, com algum grau de dificuldade. Deveria ser jogado com uma bola, maior que a do futebol, que quicasse com regularidade. Mas o jogo não poderia ser tão agressivo quanto o futebol americano, para evitar conflitos entre os alunos, e deveria ter um

¹ As principais fontes para esse resgate histórico foram: MONTEIRO, Carlos Fernando Rego Monteiro. *Morada de Gigantes – histórias de Araraquara e do Basquetebol da Uniara*. Rio de Janeiro: Via Escrita, 2002 e GOMES, Fabrício Freire. *Franca: a cidade que respira basquete no país do futebol*. Franca: Editora Ribeirão, 2002.

sentido coletivo. Havia um outro problema: se a bola fosse jogada com os pés, a possibilidade de choque ainda existiria. Naismith decidiu então que o jogo deveria ser jogado com as mãos, mas a bola não poderia ficar retida muito tempo e nem ser batida com o punho fechado, para evitar socos acidentais nas disputas de lances.

A preocupação seguinte do professor era quanto ao alvo que deveria ser atingido pela bola. Imaginou primeiramente colocá-lo no chão, mas já havia outros esportes assim, como o hóquei e o futebol. A solução surgiu como um relâmpago: o alvo deveria ficar a 3,5m de altura, onde Naismith imaginava que nenhum jogador da defesa seria capaz de parar a bola que fosse arremessada para o alvo. Tamanha altura também dava um certo grau de dificuldade ao jogo, como ele desejava desde o início.

Mas qual seria o melhor local para fixar o alvo? Como ele seria? Encontrando o zelador do colégio, Naismith perguntou se ele não dispunha de duas caixas com abertura de cerca de 8 polegadas quadradas (45,72 cm). O zelador foi ao depósito e voltou trazendo dois velhos cestos de pêssego. Com um martelo e alguns pregos, Naismith prendeu os cestos na parte superior de duas pilastras, que ele pensava ter mais de 3,0m, uma em cada lado do ginásio. Mediu a altura. Exatos 3,03m, altura esta que permanece até hoje. Nascia a cesta do basquete, modalidade que inicialmente ficou conhecida como bola ao cesto. James Naismith escreveu rapidamente as primeiras regras do esporte, contendo 13 itens. O criativo professor levou as regras para a aula, afixando-as num dos quadros de aviso do ginásio. Comunicou a seus alunos que havia um novo jogo e se pôs a explicar as instruções e organizar as equipes.

Havia 18 alunos na aula. Naismith selecionou dois capitães (Eugene Libby e Duncan Patton) e pediu-lhes que escolhesse os lados da quadra e seus companheiros de equipe. Escolheu dois dos jogadores mais altos e jogou a bola para o alto. Era o início do primeiro jogo de basquete. Curioso, no entanto, é que nem Naismith nem seus alunos tomaram cuidado de registrar esta data, de modo que não se pode afirmar com precisão em que dia o primeiro jogo de basquete foi realizado. Sabe-se apenas que foi em dezembro, de 1891, pouco antes do Natal. Como esperado, o primeiro jogo foi marcado por muitas faltas, que eram punidas colocando-se seu autor na linha lateral da quadra até que a próxima cesta fosse feita.

Outra limitação dizia respeito à própria cesta: a cada vez que um arremesso era convertido, um jogador tinha que subir até a cesta para apanhar a bola. A solução encontrada alguns meses depois, foi cortar a base do cesto. Após a aprovação da diretoria do Springfield College, a primeira partida oficial do esporte recém-criado foi realizada no dia 11 de março de 1892, com a vitória dos alunos sobre os professores pelo placar de 5 a 1.

A primeira bola de basquete foi feita pela A. C. Spalding & Brothers, de Chicopee Falls (Massachusetts) ainda em 1891, e seu diâmetro era ligeiramente maior que o de uma bola de futebol. As primeiras cestas sem fundo foram desenhadas por Lew Allen, de Connecticut, em 1892, e consistiam em cilindros de madeira com borda de metal. No ano seguinte, a Narraganset Machine & Co. teve a idéia de fazer um anel metálico com uma rede nele pendurada, que tinha o fundo amarrado com uma corda, mas poderia ser aberta simplesmente puxando esta última. Logo depois, tal corda foi abolida e a bola passou a cair livremente após a conversão dos arremessos. Em 1895, as tabelas foram oficialmente introduzidas.

Na época da invenção do novo esporte, James Naismith não imaginou a extensão do sucesso que ele alcançaria. Seu momento de glória veio quando o basquete foi incluído nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, e o professor lançou a bola que iniciou o primeiro jogo de basquete nas Olimpíadas. Atualmente, o esporte é praticado por mais de 300 milhões pessoas no mundo inteiro, no mais de 170 países filiados a FIBA².

2.2 A fundação da FIBA

Com o grande crescimento do basquete, o principal incentivo ao esporte foi dado pela Federação Internacional de Esportes Atléticos (IAAF), que era a entidade articuladora do movimento olímpico no início do século. A grande diferença das regras do basquete em relação as dos outros esportes dificultava sua convivência dentro da mesma entidade com outras modalidades essencialmente individuais, como o atletismo.

² Estatística divulgada pela Confederação Brasileira de Basquete (CBB) no site da entidade (www.cbb.com.br). Acesso em julho de 2003.

Em seu Congresso Anual, em Haya (1926), a IAAF resolveu criar uma comissão para estudar a possibilidade de integrar sob uma mesma administração o basquete e o handebol, embora em comissões separadas. Dois anos mais tarde, durante as Olimpíadas de Amsterdã, a própria IAAF convidou representações de vários países para estudar a formação de uma entidade exclusiva para os esportes com bola, mas ainda sob seu comando. Em 4 de agosto de 1928, foi fundada a Federação Internacional de Handebol Amador (IAHF), que congregava todos os esportes jogados apenas com as mãos. Foram formadas três sub-comissões: handebol indoor, handebol de quadra e basquete. A sub-comissão de basquete era de natureza puramente técnica, composta por dois franceses, um canadense e um americano, e foi a primeira entidade de basquete criada. Em 1929, foi criada a Liga de Basquete de Genebra (Suíça), logo depois transformada em Liga Suíça de Basquete, que utilizava as instalações da ACM em Genebra.

Surge então a figura de Renato William Jones, um inglês de impressionante formação, que se tornou um dos principais defensores do esporte. No verão de 1931, Jones encontra-se com o secretário da IAHF, German Hassler, no intuito de discutir a emancipação do basquete, não obtendo resultado. Em 18 de junho de 1932, Elmer Berry, diretor da Escola de Educação Física da ACM, convoca a primeira conferência internacional de basquete, contando com a presença do próprio Berry, de Jones, além de representantes da Argentina, Grécia, Itália, Letônia, Portugal, Romênia, Suíça e Tchecoslováquia. Ao final da conferência, nascia a Federação Internacional de Basketball Amador (FIBA), presidida pelo suíço Leon Buffard e secretariada por William Jones.

Faltava, no entanto, o reconhecimento da IAHF. Os defensores da independência do basquete pretendiam algo mais: queriam transformar o esporte em modalidade olímpica oficial, não mais como demonstração, como ocorrera nos Jogos de Saint Louis, em 1904. Para isto, eram necessários a independência total da FIBA e o seu reconhecimento pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). Sem isto, o basquete jamais poderia figurar no programa olímpico. Mas havia outro problema: no grupo de fundadores da FIBA, não havia nenhum representante da França, pois os franceses ainda não haviam estruturado sua Federação Nacional. Isto tirava um pouco do prestígio da FIBA, já que àquela época era muito comum a presença francesa em eventos de grande porte. Em 25 de junho de 1932,

após tensas reuniões, os franceses resolvem criar sua Federação de Basquete, desvinculando-o da Federação de Atletismo local e, em 1933, solicitam sua filiação à FIBA, sendo imediatamente aceitos. A adesão francesa à FIBA solidificava a independência da entidade.

Em agosto de 1934, Renato William Jones, mesmo sem ser oficialmente convidado, comparece ao Congresso Mundial da IAHF, e defende fervorosamente a independência do basquete. Até que, em 1º de setembro do mesmo ano, é assinado um protocolo que confere oficialmente autonomia à FIBA, assinado por Tadeusz Kuchar e Karl Von Halt, pela IAHF, e William Jones e o Conde da San Marzano, pela FIBA. Em 19 de outubro, a Federação Argentina pede ao Comitê Organizador das Olimpíadas de Berlim (que seriam em 1936) a inclusão do basquete no programa da competição, mas isto só ocorreu depois que o COI reconheceu oficialmente a independência da FIBA, em 28 de fevereiro de 1935, durante sua 33ª Sessão, realizada em Oslo (Noruega). Iniciava-se a marcha olímpica do basquete. As mulheres, no entanto, só puderam participar a partir de 1976, nas Olimpíadas de Montreal, vencidas pelas soviéticas. Desde sua fundação, a Federação Internacional de Basketball já teve três sedes, sendo Roma a primeira delas. Em 1940, mudou-se para Berna, na Suíça, para então, em 1956, estabelecer-se definitivamente em Munique, na Alemanha. Já teve oito presidentes, tendo sido dirigida inclusive pelo brasileiro Antônio dos Reis Carneiro, de 1960 a 1968. O atual presidente é o senegalês Abdoulaye Seye Moreau. Em toda a trajetória do basquete ao longo deste século, nada foi mais determinante para a afirmação do esporte quanto o empenho e a dedicação do legendário Renato William Jones, que foi secretário-geral da FIBA desde sua fundação até 1976, quando foi sucedido pelo iugoslavo Borislav Stankovic, que permanece até hoje no cargo.

2.3 A chegada do basquetebol ao Brasil

O Brasil foi um dos primeiros países a conhecer a novidade. Augusto Shaw, um norte-americano nascido na cidade de Clayville, região de Nova York, completou seus estudos na Universidade de Yale, onde em 1892 graduou-se como bacharel em artes e onde tomou contato pela primeira vez com o basquete. Dois anos depois, recebeu um convite

para lecionar no tradicional Mackenzie College, em São Paulo. Na bagagem, trouxe mais do que livros sobre história da arte. Havia também uma bola de basquete. Porém, demorou um pouco até que o professor pudesse concretizar o desejo de ver o esporte criado por James Naismith adotado no Brasil. A nova modalidade foi apresentada e aprovada imediatamente pelas mulheres. Isso atrapalhou a difusão do basquete entre os rapazes, movidos pelo forte machismo da época. Para piorar, havia a forte concorrência do futebol, trazido em 1894 por Charles Miller, e que se tornou a grande coqueluche da época entre os homens. Aos poucos o persistente Augusto Shaw foi convencendo seus alunos de que o basquete não era um jogo de mulheres. Quebrada a resistência, ele conseguiu montar a primeira equipe do Mackenzie College, ainda em 1896.

A aceitação nacional do novo esporte veio através do Professor Oscar Thompson, na Escola Nacional de São Paulo e Henry J. Sims, então diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM), do Rio de Janeiro. Em 1912, em um ginásio no centro do Rio de Janeiro, aconteceram os primeiros torneios de basquete. Em 1913, quando da visita da seleção chilena de futebol a convite do América Futebol Clube, seus integrantes, membros da ACM de Santiago, passaram a freqüentar o ginásio. Henry Sims, convenceu os dirigentes do América a introduzir o basquete no clube da rua Campos Salles, no bairro da Tijuca. Para animá-los, arranjou um jogo contra os chilenos oferecendo uma equipe da ACM, com o uniforme do América, que triunfou pelo curioso score de 5 a 4.

O plano vingou e o América foi o primeiro clube carioca a adotar o basquete. As primeiras regras em português foram traduzidas em 1915. Nesse ano, a ACM realizou o primeiro torneio da América do Sul, com a participação de seis equipes. O sucesso foi tão grande que a Liga Metropolitana de Sports Athléticos, responsável pelos esportes terrestres no Rio de Janeiro, resolveu adotar o basquete em 1916. O primeiro campeonato oficializado pela Liga foi em 1919, com a vitória do Flamengo.

Em 1922 foi convocada pela primeira vez a seleção brasileira, quando da comemoração do Centenário do Brasil nos Jogos Latino-Americanos, um torneio continental, em dois turnos, entre as seleções do Brasil, Argentina e Uruguai. O Brasil sagrou-se campeão, sob a direção de Fred Brown. Em 1930, com a participação do Brasil, foi realizado em Montevideú, o primeiro Campeonato Sul-Americano de Basquete. Em

1933 houve uma cisão no esporte nacional, quando os clubes que adotaram o profissionalismo do futebol criaram entidades especializadas dos vários desportos. Nasceu assim a Federação Brasileira de Basketball, fundada a 25 de dezembro de 1933, no Rio de Janeiro. Em assembléia aprovada dia 26 de dezembro de 1941, passou ao nome atual, Confederação Brasileira de Basketball.

2.4 O desenvolvimento do basquete em Araraquara

A história da equipe masculina de basquete da Uniara³ começou em 1994, quando o pró-reitor administrativo do Centro Universitário de Araraquara, Fernando Mauro, tomou a iniciativa de administrar a antiga equipe juvenil do Clube Araraquarense, dirigida pelo técnico Onofre Held. A nova equipe continuou com Held na direção e com alguns jogadores remanescentes do antigo grupo.

Desde então, a equipe cresceu ano a ano e acumulou conquistas. Já em 1996, a Uniara conquistou o vice-campeonato da Liga Regional. No ano seguinte, a equipe foi campeã invicta do mesmo torneio. Ao mesmo tempo, com a preocupação de formar jogadores, a Uniara montou uma equipe juvenil para a disputa do Campeonato Paulista do Interior e terminou em quarto lugar.

Em 1998, a Uniara deu mais um passo e se inscreveu para o Campeonato Paulista da série A-2. A equipe foi vice-campeã, o que lhe deu o direito de disputar a série A-1 de 1999. Fortalecendo o elenco para a temporada 2001, a Uniara trouxe o técnico Antônio José Parteniani, o Tonzé, e os jogadores Pipoka, Márcio, Rodrigo, Luís Fernando e Arnaldinho. No terceiro ano consecutivo participando do Campeonato Paulista Especial, a equipe em 2001 conquistou o vice-campeonato. Posição que repetiu no Paulista de 2002. Nesse mesmo ano, disputando pela primeira vez um Campeonato Brasileiro, a equipe conseguiu terminar como vice-campeã.

³ MONTEIRO, Carlos Fernando Rego. *Morada de Gigantes*. ..

2.5 Organização da equipe de basquete da Uniara

Esses resultados expressivos da equipe de Araraquara num período de tempo relativamente curto é decorrência da participação da Uniara, que além de ser a patrocinadora, é responsável pelo gerenciamento e planejamento da equipe. Através de uma participação profissional e “moderna” de todos os integrantes, esse campo esportivo está conseguindo implantar algumas novas tendências ao esporte brasileiro. Dessa forma o projeto, apesar de ainda ter um caráter inicial –menos de uma década de existência – já estabeleceu um nível de relações muito próximo do nível “ideal” proposto por Norbert Elias, que seria o “jogo a dois níveis do tipo democrático crescentemente simplificado”. No caso da Uniara ainda existem subdivisões e hierarquias, mas a noção de conjunto e cooperativismo são conceitos muito bem trabalhados internamente em todos os participantes do grupo. Na consolidação desse campo esportivo, destacamos seis grupos: a Uniara, a Prefeitura Municipal de Araraquara, a comunidade local, a comissão técnica, os jogadores experientes e/ou de destaques e os novos jogadores.

A Uniara, mais do que a responsável pela estrutura financeira da equipe é a gerenciadora da equipe. Apesar da parceria com a Prefeitura Municipal, o aspecto financeiro é exclusivo da Uniara. Dessa forma, a instituição de ensino está sempre aberta a co-patrocinadores para que a equipe se torne ainda mais competitiva do que é hoje. O pró-reitor administrativo da Uniara, Fernando Mauro, explica que a instituição chegou ao seu limite máximo de patrocínio mensal e que essa cota “não chega a 50% do orçamento das quatro maiores equipes do país”. Para diminuir essa diferença, a única hipótese é a entrada de novos patrocinadores. Com um orçamento mensal médio de R\$ 70.000,00, a Uniara é responsável pelas despesas como folha de pagamentos; aluguéis de casas, energia elétrica, outros; viagens; material de treinamento; brindes promocionais; taxas da FPB e CBB.

Além da equipe adulta masculina, A Uniara mantém a equipe cadete que disputa a Liga Regional – por ainda não estar num grau de competitividade compatível com o nível do campeonato paulista – e a equipe juvenil, que é a atual campeã paulista. Além disso, a Uniara esse ano iniciou o patrocínio da equipe de basquete feminino, que vai disputar a série A-2 do campeonato Paulista. A participação da Uniara no feminino é diferente do que

acontece no masculino. No feminino, a instituição de ensino entra apenas com o patrocínio mensal, e o gerenciamento da equipe fica por conta da Prefeitura Municipal.

A parceria entre a Uniara e a Prefeitura Municipal de Araraquara ocorre através da Fundação de Amparo ao Esporte do Município de Araraquara (Fundesport). A participação da Fundesport ocorre com a cessão do Ginásio Municipal de Esportes Castelo Branco. Com capacidade para 8.500, o “Gigantão” é o local dos jogos e treinamentos da equipe da Uniara. A parceria ainda envolve a criação de escolinhas de basquete em diversos pontos da cidade. Atualmente cerca de 800 crianças participam dessas escolinhas e há uma previsão para a ampliação desse número com a criação de novos locais para a prática do basquete. Em contrapartida, a Uniara cede a equipe adulta para representar o município de Araraquara nos Jogos Regionais e Jogos Abertos do Interior.

A identificação de Araraquara com o basquete e a Uniara pode ser observada justamente pelo auto-índice de novos praticantes da modalidade nas escolinhas de basquete espalhadas na cidade. O resultado disso é que Araraquara pode ser a médio e longo prazo um centro de formação de jogadores, como acontece atualmente em outras cidades do interior de São Paulo, como Franca e Bauru. Aliás, os primeiros resultados já estão aparecendo. Cerca de 70% dos jogadores do juvenil da Uniara são de Araraquara e, do cadete, todos são da cidade.

O envolvimento da cidade também pode ser percebido na média de público que comparece ao “Gigantão”. No Campeonato Brasileiro de 2002, a Uniara registrou a melhor média de público, tanto na primeira fase – turno e retorno – quanto nos play-offs. Na primeira fase a média de público em Araraquara foi de 5.026 pessoas. A segunda melhor média nessa fase foi a da equipe de Londrina com 2.584. Nos play-offs, o Gigantão esteve lotado em todas as partidas e a média subiu para 8.683 pessoas. A segunda melhor média de público nos play-offs foi registrada em Uberlândia com 2.764 pessoas.

A tentativa da Uniara de ter um padrão altamente profissional com um orçamento controlado pode ser muito bem visualizada através de sua comissão técnica. Formada apenas pelas três funções básicas - técnico, assistente e preparador físico – essa comissão é uma das mais qualificadas do país por reunir profissionais novos, mas com destacada experiência prática e teórica. O técnico Antônio José Paterniani, o Tom Zé, e seu assistente

João Marcelo Leite tiveram o seu início, tanto como jogador quanto como técnico em Franca, considerada a capital do basquete⁴, e com isso conhecem muito bem os bastidores de um basquete comunitário, que é justamente o que a Uniara pretende e já está implantando em Araraquara.

O técnico “Tom Zé” assumiu a equipe de Araraquara em junho de 2001 com quatro metas principais para o desenvolvimento do projeto: apostar em jogadores jovens, ter um juvenil forte e que se identifique com a equipe adulta, montar categorias de base e aproveitar os jogadores para darem aulas em escolinhas de basquete. “Além disso, sempre achei que os jogadores deveriam estudar e aqui eles têm livre acesso à universidade” conclui o técnico.

A trajetória de “Tom Zé” no basquete começou quando ele tinha 16 anos e passou a integrar a equipe juvenil de Franca. No ano seguinte, em 79, destacou-se na Seleção Paulista Juvenil e recebeu o convite para integrar a equipe adulta de Presidente Prudente. Em 86, jogou em Sorocaba, e, em 87 foi para Osvaldo Cruz, onde passou mais um ano. Em 88, mudou-se para São Paulo e começou a trabalhar na Sabesp, ao mesmo tempo em que jogava no Continental. Em 90, voltou para Franca para jogar no Dharma Yara, uma segunda equipe que foi criada na cidade no final da década de 80. Enquanto jogou na equipe de Franca, concluiu o curso de Educação Física. Em 95, já formado, passou a técnico da equipe juvenil do Dharma e assistente técnico do adulto. Em 96, foi campeão juvenil do interior e, no final de 97, a equipe perdeu o patrocínio do Dharma e mudou-se para Ribeirão Preto, onde conseguiu o patrocínio do COC.

Em 99, “Tom Zé” mudou-se com toda a família para Ribeirão, onde foi campeão estadual juvenil e considerado o melhor técnico do ano da categoria. Em 2000, trabalhou um ano com Aluísio Ferreira, o Lula, atual técnico da seleção brasileira. Com essa bagagem em diversas áreas do basquete, Tom Zé se mostra um profissional com um futuro promissor na carreira de técnico. Em seus dois anos iniciais em uma equipe adulta já conquistou dois vice-campeonatos paulistas e um vice-brasileiro com a equipe de Araraquara.

⁴ Quem quiser entender como funciona a estrutura do basquete na cidade de Franca, que é a única equipe brasileira que participa ininterruptamente dos campeonatos da confederação desde 1959 ver GOMES, Fabrício Freire. **Franca: a cidade que respira...**

Assim que assumiu a Uniara, “Tom Zé” se esforçou para trazer o assistente João Marcelo Leite, que apesar de ter apenas 30 anos é um dos mais promissores técnicos da nova geração. Ele iniciou sua carreira de jogador aos 13 anos, em Franca, atuando nas categorias de base e passando a integrar a equipe principal aos 19 anos. Jogou por mais dois anos, mas não deu continuidade à carreira por conseguir identificar que não teria condições de ser o jogador que gostaria. Em 2000 começou sua carreira de técnico, quando já no campeonato de estréia foi campeão paulista juvenil pela equipe de Franca. Nesse mesmo ano, a equipe adulta, da qual era auxiliar técnico, também foi campeã paulista.

Com essa participação de destaque na equipe francana, João Marcelo foi chamado para dirigir a equipe paulista juvenil que foi campeã brasileira em 2001. Após essa conquista, veio o convite da Uniara. Além de auxiliar técnico, João Marcelo é técnico do juvenil da Uniara, que é o atual campeão paulista da categoria. Consciente de seu potencial, João Marcelo tem aproveitado para estudar e conhecer melhor o basquete. Em 2002, recebeu o convite para fazer uma clínica de aperfeiçoamento técnico, tático e administrativo no Barcelona da Espanha – um dos clubes mais estruturados do mundo e campeão europeu de basquete em 2003, com a participação do brasileiro Anderson Varejão. Abrindo um parêntese, vale ressaltar que Varejão é uma das principais promessas do basquete nacional e, foi justamente o técnico João Marcelo que o lançou para o basquete, através da equipe juvenil do Franca em 2000. Dando continuidade na sua formação, João Marcelo, que é formado em Educação Física, pretende se especializar em Psicologia do Esporte.

Completando a comissão técnica, há o preparador físico, João Borin. Nascido em Araraquara, tem uma experiência prática não no basquete, mas sim no vôlei. Começou a prática da modalidade na época de colégio e, foi convidado a participar da seleção de vôlei de Araraquara. Pela seleção de Araraquara, Borin disputou vários campeonatos, entre eles o Campeonato Paulista. Também participou de equipes de cidades da região, como Matão e São Carlos. Aos 17 anos e com o ingresso no curso de Educação Física na Universidade Federal de São Carlos, Borin acabou abandonando as quadras, embora tivesse um convite para participar da equipe de São Carlos, que, na época, disputou a divisão especial do campeonato paulista.

Seu reencontro com o vôlei veio em 1987, quando já formado, foi chamado pela Fundesport para ser preparador físico do time de vôlei infanto-juvenil feminino de Araraquara. Logo após passou a trabalhar com a equipe adulta feminina de vôlei de Matão. Em 89, Borin mudou-se para Santa Catarina e foi o responsável por estruturar todas as escolinhas de vôlei da prefeitura de Rio Negrinho. Além desse trabalho, também começou a dirigir uma equipe da divisão especial na cidade, conquistando o 3º lugar no Estado. Não deixando o aprendizado de lado, em 91 o preparador fez sua primeira especialização, Fisiologia do Exercício, em Londrina. Em 94, Borin fez a segunda especialização em Ciências do Treinamento, na Unicamp, em Campinas. Nesse mesmo ano, ingressou no Mestrado.

Ao mesmo tempo em que Borin iniciou seu Mestrado, o basquete entrou em sua vida, quando foi convidado para ser o preparador físico do time adulto do Clube 22 de Agosto, em Araraquara. Interessado pela modalidade, o basquete passou a ser o tema de seu Mestrado, que teve como questionamento “Qual o comportamento do coração do jogador numa partida de basquete?”. Para embasar suas pesquisas, Borin utilizou-se de uma metodologia russa e, ao apresentar seu trabalho num congresso, foi convidado a viajar para a Rússia. Convidado a fazer o Doutorado na Rússia, Borin recusou, por dificuldade de adaptação. Desenvolveu seu Doutorado na Unicamp, também voltado para o basquete e baseado numa metodologia que conheceu na Rússia.

O tempo que ficou na Rússia foi muito produtivo, principalmente no que diz respeito à formação de jogadores feita pelos russos. Um ponto chamou sua atenção: a utilização da análise de impressões digitais na formação do jogador. Por ser uma técnica pouco utilizada no mundo, Borin estudou, adaptou e esse foi seu tema de pesquisa para o Doutorado, em 1998: estudar a impressão digital como detecção de talentos no basquete.

O método russo consiste em analisar onze variáveis nas digitais das palmas das mãos e dos dígitos. Na Rússia os jovens onde é reconhecido algum potencial, são separados e vão receber um tratamento diferenciado nos diversos centros olímpicos. A principal dificuldade de Borin foi a falta de pesquisas brasileiras relacionando as impressões digitais com o esporte. Além disso, os russos têm um padrão próprio de classificação das impressões digitais. Mas hoje o que era dificuldade, tornou-se até uma vantagem

“mercadológica”. Afinal Borin tem a metodologia codificada para um padrão internacional, algo que nem os russos possuem.

Com a defesa da tese no início de 2003, Borin vai começar a utilizar na prática sua metodologia. Claro, que o primeiro beneficiado vai ser a equipe da Uniara. Os primeiros testes devem ser realizados na escolinha de basquete que funciona no Departamento de Química da Unesp. Para Borin a grande vantagem desse método é que ele possui um padrão menos subjetivo do que o utilizado pelos “olheiros”. “Não vou garantir que eles vão chegar lá, mas sim que estão um passo à frente dos outros”. Dessa forma, o investimento da Uniara em profissionais com vontade em aperfeiçoamentos teóricos, vem trazendo resultados práticos para a equipe atingir níveis ainda mais elevados.

Completando o suporte técnico da equipe, a Uniara tem um plano de saúde com médicos e psicólogos para atender qualquer eventualidade ocorrida durante os trabalhos realizados. Constantemente, a equipe tem o monitoramento de um fisioterapeuta, que realiza uma avaliação minuciosa do atleta durante a pré-temporada, sendo que nessa avaliação são realizados exames ortopédicos e cardio-respiratórios. Diante dessa avaliação, caso seja observado alguma disfunção, o atleta é encaminhado ao médico especialista.

Mas vamos retomar a 2001, quando a Uniara reavaliou suas prioridades e recalculou o investimento para tornar uma equipe competitiva. Além da constituição da atual comissão técnica, a equipe reformulou todo o seu elenco. A idéia – não inédita, mas inúmeras vezes eficiente – foi montar um grupo que mescla jovens atletas com um grupo mais experiente e em nível de seleção brasileira.

Para ser o comandante desse grupo dentro (e fora) de quadra foi trazido o experiente pivô João José Vianna, o Pipoka. Aos 39 anos, o atleta apresenta um currículo expressivo com uma rápida passagem na NBA e mais de uma década a serviço da seleção brasileira, incluindo a inesquecível campanha vencedora do Pan de Indianápolis em 1987, quando o Brasil venceu os norte-americanos dentro da casa do adversário. Tendo jogado nas principais equipes nacionais em diversos estados, Pipoka é uma referência para toda a equipe. Apesar de ainda estar jogando muito bem e estar sempre entre os melhores jogadores dos campeonatos que disputa, a principal função do pivô é trazer na sua postura,

uma posição diferenciada (*habitus*), que é crucial principalmente nas fases decisivas dos jogos e dos campeonatos.

Completando o grupo que veio com a função de liderar a equipe da Uniara estão os armadores Arnaldinho e o pivô Luís Fernando. Os dois até que não tem uma idade muito avançada (25 anos), mas estão entre os melhores da nova geração. O resultado disso é que ambos estão entre os 29 pré-convocados da Seleção Brasileira.⁵

Além desse tripé básico, muito bem completado pelos alas Rodrigo e Márcio⁶, a equipe trouxe jovens promessas como o pivô André “Bambu” e o ala “Jorginho”. André com 24 anos veio do COC, onde estava se destacando e hoje já está na seleção brasileira. O Jorge Luiz, o Jorginho, tem 22 anos e veio dos Estados Unidos, onde participou do campeonato universitário jogando duas temporadas pela Universidade de Furman.

Com dois anos de consolidação do projeto, a Uniara já está conseguindo um dos seus principais objetivos: fazer com que as categorias de base sejam as grandes fornecedoras dos novos integrantes da equipe principal. Com o título paulista juvenil de 2002, muitos jogadores passaram a integrar concomitantemente a equipe adulta. O principal destaque desse grupo é o ex-francano Eduardo de Oliveira, que foi considerado a revelação do campeonato paulista adulto de 2002/2003⁷. Nem o próprio atleta esperava esse título tão cedo: “o meu objetivo era ser o destaque no campeonato juvenil, mas quando a homenagem veio na equipe adulta eu fiquei muito honrado”. Com esses resultados, o atleta está sendo sondado para participar do campeonato universitário norte-americano.

Esses relatos biográficos dos componentes da Uniara, que inicialmente podem até parecer não condizente com o foco do trabalho, foram colocados de maneira calculada e prevista. Afinal, essa “bagagem histórica” de cada um é fundamental na constituição do *habitus*, que é peça chave para o entendimento de qualquer campo. Mesmo os atletas mais

⁵ É dessa lista anunciada em fevereiro de 2003 pelo técnico Aluísio Ferreira, o Lula, que vai sair o grupo de 12 jogadores que vão disputar em 2003 o Sul-americano, o Panamericano e o Pré-olímpico. Da equipe da Uniara também foram chamados os pivôs André “Bambu”, Adriano e Edvaldo.

⁶ O ala Márcio Faria de Azevedo foi titular da equipe da Uniara nos dois vice-campeonatos paulista(2001/2002) e no vice-brasileiro (2002). No início do brasileiro de 2003, ele se transferiu para a equipe de Franca. Para recompor a equipe de Araraquara, veio também de Franca, o ala Ricardo Gianechini de 22 anos e que foi um dos destaques da equipe de Franca no Campeonato Paulista de 2002.

⁷ Premiação dada pela Federação Paulista de Basquete (FPB)

novos como Jorginho, tem experiências diferenciadas como foram os dois anos em que atuou na liga universitária norte-americana.

CAPÍTULO 3 – O ESPORTE DENTRO DA INSTITUIÇÃO UNIARA

Um outro elemento fundamental para visualizar integralmente o campo esportivo da equipe de basquete da Uniara é ver como se estabelecem as ligações entre as modalidades esportivas, os atletas, a instituição de ensino e os estudantes. Para entender essas interligações nada melhor do que apresentar previamente o modelo de esporte universitário norte-americano – uma referência mundial de um campo esportivo de sucesso. Na seqüência serão mostrados o cenário atual do desporto universitário brasileiro e quais as políticas do atual governo para esse setor. Para encerrar esse capítulo, vamos descrever os resultados concretos de alguns projetos semelhantes ao da Uniara, além do próprio projeto araraquarense, revelando como o esporte já está funcionando dentro da instituição e quais as medidas, a médio e longo prazo, para se aproximar ainda mais do que acontece dentro das universidades norte-americanas.

3.1 O modelo norte-americano de esporte universitário

Os Estados Unidos são a maior potência mundial de esportes. O país já ganhou mais de 800 medalhas de ouro em Olimpíadas e sempre apresenta atletas de alto nível nas competições de quase todas as modalidades. Dos 25 milhões de estudantes, cerca de 15% praticam esportes. Os mais populares são: o futebol americano, o soccer (o nosso futebol), o hóquei sobre o gelo, a natação e o basquete.

O coordenador de Educação Física da Escola Americana de Brasília, Derrick Des Vignes, acredita que o sucesso dos esportes universitários nos EUA é uma conjunção de vários fatores. Um deles é o estímulo à prática desportiva, feito desde o ensino fundamental. Outro ponto importante é o apoio dado aos atletas-estudantes, com programas especiais de bolsas de estudos. “São concursos muito difíceis de passar. Para entrar, é preciso ser bom atleta e aluno” ressalta Des Vignes.

A infra-estrutura desportiva das universidades também é fator decisivo. Nos Estados Unidos existem equipes técnicas especializadas (com treinador, preparador físico e nutricionista), equipamentos, quadras modernas para treinamento e até custeio de moradia e

alimentação dos atletas. Como se não bastassem os incentivos dos Estados, grandes empresas da indústria esportiva (como a Nike e a Reebok) investem pesado no esporte universitário. “É um belo marketing para as empresas associar sua imagem às competições estudantis”, explica o professor da Escola Americana. A popularidade desses eventos é enorme e muitos campeonatos são transmitidos pela televisão.

Para se ter idéia da organização do esporte universitário norte-americano, basta ver como se configura a divisão principal da NCAA (entidade que organiza o basquete universitário norte-americano). Composta por 32 conferências, as escolas jogam dentro de suas conferências e entre si. Ao final da temporada regular 64 times se classificam para a "Big Dance", disputada em março. Depois de duas rodadas, os 16 times remanescentes se enfrentam em jogos eliminatórios até sobraem somente quatro times, os "Final Four". A NCAA é uma das Ligas mais lucrativas. As transmissões das partidas são feitas por uma TV aberta, a NBC, e por uma fechada, a ESPN 2.

Uma das dificuldades atuais do esporte universitário começou em 1998 com a permissão da Liga Profissional de Basquete, a NBA, de permitir que jogadores saídos do colegial pudessem participar do draft de escolha sem passar pelo campeonato universitário. O primeiro a utilizar esse artifício foi o astro do Los Angeles Lakers, Kobe Bryant. No draft de 2003, a escolha número 1, LeBron James de apenas 18 anos, fez um contrato milionário com o Cleveland Cavaliers e com a Nike, sem ter passado pela universidade.

Para que os principais novos jogadores não sigam essa tendência de “pular etapas”, a NCAA anunciou em 2003, a permissão de incentivos financeiros para atletas universitários. O que era feito de maneira informal, agora está permitido na forma de créditos para compras de automóveis e imóveis.

Des Vignes lembra que, apesar de todos os incentivos, não é fácil se tornar um atleta profissional. Segundo ele, cerca de 1% dos desportistas universitários consegue viver do esporte depois de formados. “Justamente em função de todos os incentivos, as equipes exigem atletas de ponta, com nível técnico indiscutível. Só poucos atingem esse patamar”, afirma.

3.2 Outros exemplos de centros universitários como patrocinadores/gestores

O Brasil está bem distante do modelo norte-americano. O esporte de rendimento dentro do ensino superior brasileiro praticamente não existe e isso é uma das preocupações do atual Ministro dos Esportes, Agnelo Queiroz¹. Uma de suas propostas é procurar os reitores para elaborar um projeto de bolsas para universitários atletas. O ministro ambiciona um sistema semelhante ao dos Estados Unidos, maior potência mundial nos esportes. Outra meta é aumentar o nível de competitividade nos campeonatos universitários. Além disso, promete transformar os Jogos Universitários Brasileiros em uma competição mais concorrida e de melhor nível técnico. Para isso, estuda-se uma premiação financiada pelo governo. Essas medidas deverão acontecer também com os jogos estudantis de ensino básico.

Enquanto essas novas diretrizes não são implementadas, o esporte universitário tem com seu maior incentivador a verba destinada da Lei Agnelo/Piva². Em 2002, o esporte universitário recebeu R\$ 2.539.625,11, referente ao 5% da quantia total recebida pelo COB. O esporte escolar recebeu os seus 10% do total do COB, previstos na lei, o que correspondeu a R\$ 5.079.250,22.

Como alternativa à estrutura atual do esporte universitário nacional, alguns centros universitários têm buscado o incentivo ao esporte através de parcerias, patrocínios e/ou gerenciamentos de equipes de rendimento. Assim, o modelo da Uniara de Araraquara não é exclusivo, e foi implantado inicialmente no Brasil em Canoas, no Rio Grande do Sul. Desde 1995, a Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) investe em atletismo, basquete, futebol, futebol de salão, handebol e vôlei. A primeira aposta foi o patrocínio da equipe de futsal do Internacional, uma das mais tradicionais do Rio Grande do Sul. O título de campeão já nessa primeira empreitada entusiasmou a diretoria, que passou a investir mais. Em 1998, as modalidades tinham se desenvolvido tanto que a universidade tinha forças

¹ O Ministro do Esporte Agnelo Queiroz, expôs os planos do governo para o esporte universitário em uma palestra na Universidade de Brasília (UNB) no dia 12/05/03.

² A Lei nº 10.264 - conhecida como Lei Agnelo/Piva, foi sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em 16 de julho de 2001 e, estabelece que 2% da arrecadação bruta de todas as loterias federais do país sejam repassados ao Comitê Olímpico Brasileiro (85%) e ao Comitê Paraolímpico Brasileiro (15%).

para caminhar com as próprias pernas e criou o Sport Club Ulbra. Na prática, significou que a Ulbra deixou de ser mera patrocinadora para se tornar a dona dos times. Hoje, o clube é independente e a universidade funciona como uma das mantenedoras. Um modelo pioneiro no Brasil, mas que ainda está longe das práticas de sucesso das universidades norte-americanas.

Em 2001, quando a equipe masculina de vôlei de Canoas chegou à final da Superliga, a principal competição brasileira da modalidade, o departamento de marketing colocou os números no papel e constatou que se as aparições do time em programas de TV e em matérias em veículos impressos fossem pagas, a equipe teria que desembolsar quase dez vezes mais o que havia investido. Além do vôlei, a equipe de futsal da Ulbra é uma das mais competitivas do país. Foi campeã da Liga Nacional em 2002.

Para a faculdade o principal retorno ocorreu fora das quadras. Em sete anos, a Ulbra pulou de terceira instituição do Estado do Rio Grande do Sul – atrás de EFRGS e Unisinos – para a terceira do país em número de alunos. Segundo dados divulgados pela instituição, em 1995 o campus de Canoas contava com 10 mil matriculados e no início de 2002 essa quantidade quadruplicou. O sinal da força do marketing esportivo é que a Ulbra recebeu, em 2002, o prêmio Top of Mind da Revista Amanhã, como a marca mais lembrada nas categorias Universidade e Time de Futsal.

Inspirada nos resultados da Ulbra, a Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) também mantém, há quatro anos, um clube independente, o Unisul Esporte Clube. Em quatro temporadas, a equipe conseguiu dois vice-campeonatos e dois terceiros lugares na Superliga. Além de levar a marca da faculdade para os torcedores do vôlei, a Unisul ainda conta com o chamado endomarketing. Com a estrutura montada para atender os times profissionais, é possível proporcionar ao acadêmico diversas atividades esportivas. Para medir os frutos do investimento, a universidade contratou uma empresa especializada, que constatou um retorno de R\$ 18,00 para cada real investido.

A próxima meta da Unisul é finalizar o Complexo Olímpico, orçado em U\$ 4 milhões e que possui uma parceria com o Ministério dos Esportes. A estrutura pretende atender às exigências das Confederações Internacionais. O objetivo final da Unisul é fazer do clube um laboratório da universidade e que os profissionais da equipe – do

fisioterapeuta ao assessor de imprensa – possam sair da própria instituição. Isso já acontece na Ulbra, onde para cada modalidade há pelo menos um estagiário do curso de Educação Física.

No basquete é cada vez maior o número de parcerias com instituições de nível superior. Na Liga Nacional de 2002, das 15 equipes inscritas, oito possuíam algum tipo de vínculo com centros universitários. O maior exemplo dessa parceria é o grupo Universo, que é o patrocinador de três equipes que disputaram a Liga Nacional de 2003: Universo/Ajax de Goiânia, Universo Minas de Belo Horizonte e Unitt Uberlândia, que foram respectivamente 4^a., 3^a. e vice-campeã da competição.

3.3 O funcionamento do esporte dentro do Centro Universitário Uniara

Como já foi visto, o projeto de basquete da Uniara começou pela afinidade do pró-reitor administrativo da Uniara, Fernando Mauro. Desde o início, Mauro considerou fundamental a ligação entre os atletas com a instituição de ensino. Tanto que mesmo quando a equipe ainda estava disputando a série A-2 do campeonato paulista, existiam cinco jogadores que recebiam bolsa integral para estudar na Uniara. O interessante é que na reformulação da equipe em 2001, esses jogadores não foram mais aproveitados na equipe, mas suas bolsas integrais foram mantidas até a conclusão dos cursos em 2002. “Eles sempre se esforçaram bastante para conciliar os estudos com a equipe da Uniara e não seria justo tirar o incentivo deles na reta final” explica Mauro. Alguns desses jogadores passaram a jogar em equipes das cidades vizinhas de São Carlos e Jaú, que disputam ligas regionais e outros campeonatos “menores”. Apesar dessa bolsa integral, os atletas têm que ser aprovados como os outros estudantes. Ou seja, só podem desfrutar da bolsa se passarem no vestibular ou via transferência de outra faculdade.

Atualmente, existem dois jogadores do elenco da Uniara que estão estudando Educação Física na instituição. O pivô Lucas Moura Costa, contratado junto ao COC de Ribeirão Preto em julho de 2003, veio muito satisfeito com a possibilidade de poder estudar na Uniara e, está se programando para prestar o vestibular de Educação Física no final desse ano. Essa preocupação em desenvolver o aspecto acadêmico do atleta, incentivou o

pivô Pipoka, graduado em Educação Física, a fazer o Curso de Especialização em Fisiologia do Exercício na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Para Mauro, esse projeto de conciliar o esporte de rendimento com o ensino superior realmente é uma das prioridades do projeto da Uniara, mas as ações ainda estão num nível inicial e a tendência é se desenvolver de uma maneira lenta e gradual. Muito longe do que acontece nas universidades norte-americanas, o dirigente sabe que nenhum atleta vem, por enquanto, pela estrutura de ensino, mas essa opção acaba pesando na hora da decisão. “Os atletas também ganham com a parceria. Na Uniara e em alguns outros centros, a falta de oportunidade e de tempo não servem de desculpas para interromper os estudos. Na maioria dos contratos, a bolsa para um curso de graduação entra na lista dos benefícios. Portanto, a programação da equipe é preparada pela comissão técnica, levando em conta o horário de estudo do jogador. O técnico pede para que eles estudem. Vários optam pelo curso de Educação Física para poder contar com um diploma quando deixarem as quadras e, assim, atuar como técnicos ou fazer algo relacionado à área. Esse também é um vínculo extra no momento da renovação do contrato. O atleta sempre vai pensar um pouco mais antes de sair do time, porque sabe que também terá de deixar a faculdade” avalia Mauro.

As atletas da Uniara/Fundesport de basquete feminino, que vão disputar o paulista da A-2, também recebem incentivos para continuar os estudos. No momento, quatro jogadoras recebem um desconto de 50% da Uniara, e o restante é pago pela Fundesport. Além dos atletas do basquete, a Uniara tem um outro projeto que alia esporte ao ensino superior. Aliás, a Uniara não tem nenhum projeto de bolsas de estudos, a não ser através dos esportes.

O projeto “Atletas Adotados” foi criado em 1999 com objetivo de incentivar a prática esportiva entre graduandos da instituição. Esse projeto tem se estruturado e a cada ano, tem aumentado o número de atletas atendidos pelo projeto. Em 1999 o incentivo foi a dois atletas; em 2000 foram beneficiados cinco esportistas; em 2001, 11; em 2002, 16; e este ano 19 atletas foram contemplados. A meta para o ano que vem é que esse número se aproxime de 30 esportistas contemplados.

A idéia do projeto veio da observação que muitos esportistas por volta dos 18 anos, quando atingem o ápice de sua modalidade esportiva, precisam parar de treinar e competir para ingressar em um curso superior. O projeto visa justamente incentivar esses atletas, que chegam na instituição, a continuarem treinando enquanto estudam. O integrante do projeto recebe benefícios que variam de descontos na mensalidade do curso a uniformes e outros incentivos.

Os critérios para a seleção envolvem aspectos técnicos, mas isso é o que menos importa. “Ao contrário do basquete, onde visamos o ápice do esporte de rendimento, nos Atletas Adotados é lógico que os integrantes precisam participar das competições de sua modalidade, mas não necessariamente com resultados expressivos” explica o coordenador do projeto, Paulo Cardozo. O que é determinante no processo de seleção é a condição financeira e no caso da renovação com o atleta, o bom desempenho acadêmico passa a ser determinante.

Para o ano de 2003, quase 40 atletas procuraram o auxílio do projeto “Atletas Adotados”. Depois da análise através dos critérios acima descritos, 19 atletas foram selecionados. São eles: Marcelo Cabrine, Ronaldo Ganzella e Patrícia Gabriela dos Santos (atletismo); Paulo Amador (autocross); Jaqueline Mendonça Mantovani (ciclismo); Fernando de Souza Melo Costa (jiu-jitsu); Sebastião Alexandre da Cunha e Milton José de Azevedo (judô); Luiz Alexandre Spinelli, Ana Paula Ferreira Gomes, Cassiane Rodrigues e Michele Roberta Pierini (karatê); Heverson José Menezes, João Vítor Vitorino, Jacques de Oliveira Santos e Alysson Alves da Silva (natação); Daniel G. Teixeira (taekwondo); Lucas G. Ferreira (tênis) e Lindolfo Luiz da Silva (xadrez).

Para aumentar ainda mais a ligação do centro de ensino superior com o esporte, a Uniara está prevendo a construção de um Centro Esportivo. Com um custo previsto em R\$ 3 milhões, a idéia é oferecer um “clube” a todos os alunos da instituição. Com piscinas, quadras e um ginásio coberto, o Centro Esportivo ira centralizar os eventos culturais e esportivos da instituição, com a criação do “Festival da Música” e dos “Jogos Intercursos”.

Com todo esse planejamento, observamos que as relações de interdependência entre o esporte, a instituição de ensino e os atletas vão além da equipe adulta de basquete. Até

pelos resultados significativos da equipe, o basquete se tornou o símbolo da Uniara, mas o projeto tem outras significativas ramificações sociais e/ou educacionais.

CAPÍTULO 4 – O MARKETING DO BASQUETE UNIARA

Apesar da afinidade que o pró-reitor administrativo da Uniara, Fernando Mauro, tem com o basquete e de todo o aspecto social e comunitário que subsidia o projeto da equipe de basquete, a instituição de ensino tem em seu patrocínio um investimento sujeito às regras de mercado. Assim ao se projetar nacionalmente através do basquete, a Uniara tem uma estratégia de marketing para consolidar e expandir a sua marca. Nesse capítulo, vamos abordar o projeto de basquete Uniara do ponto de vista de estratégias e retornos de marketing.

4.1 Definição e início do marketing esportivo

O especialista em gestão de futebol e ex-diretor de marketing do Esporte Clube Corinthians, Antonio Afif,¹ conceitua o marketing esportivo como uma estratégia, dentro de um planejamento, que utiliza o esporte para atingir suas metas. Constituem-se em agentes desse processo as empresas que investem em busca de algum tipo de retorno, as agências promotoras de eventos esportivos, as organizações de marketing esportivo, os clubes, as federações esportivas, os atletas e até a televisão também passa a ser agente do esporte.

A atuação do marketing esportivo ocorre de duas formas. A primeira é através do marketing de produtos e serviços voltados aos consumidores que, de alguma forma, se relacionam com o esporte. A segunda consiste numa estratégia que emprega o esporte como meio de divulgar produtos sem que estes tenham ligação com as atividades esportivas. Foi o caso da campanha dos “Mamíferos da Parmalat”, que contou com a presença do astro do futebol Ronaldinho.

Para AFIF, o maior desafio dos profissionais responsáveis pela organização do esporte, que obrigatoriamente passa pelo marketing, é o que diz respeito ao produto que estão vendendo. No Brasil existem duas correntes: a dos adeptos do futebol e a dos demais

¹ AFIF, Antônio. *A Bola da Vez: o marketing esportivo como estratégia de sucesso*. São Paulo: Editora Infinito, 2000.

esportes. Nessa segunda categoria, o autor destaca a Fórmula 1 e, em menor escala, o tênis. Cada um desses duas categorias possui seus próprios problemas e obstáculos que precisam ser superados.

As primeiras iniciativas de associar o marketing ao esportivo surgiram no início da década de 50 como uma válvula de escape das severas restrições à publicidade do cigarro e da bebida impostas nos Estados Unidos e em alguns países da Europa. Em 1952, a fábrica de bebidas Stock passou a divulgar sua marca nos estádios italianos. Para isso, pagou a cada clube uma cota de U\$ 30.000,00, dinheiro razoável na época. De lá para cá o marketing esportivo foi ganhando proporções milionárias principalmente nos eventos globais como a Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas.

4.2 Missão e planejamento estratégico da Uniara

Todo negócio existe para um propósito e toda empresa luta para se manter consistente com esse propósito, a fim de aumentar as chances de sucesso. Com isso a Uniara tem como missão: proporcionar qualidade de ensino, com preços acessíveis, oferecendo o que há de melhor e mais moderno nos seus diversos cursos. Assim, o objetivo de qualquer empresa é oferecer produtos com a intenção de cumprir sua missão, ou seja, a razão de sua existência.

O ambiente organizacional tem que estar atento às mudanças que ocorrem no mercado e, devem procurar nos fatos externos uma fonte de inspiração para seu plano. Dento dessa situação de sucessivas mudanças, a organização tem que monitorar seu ambiente e analisar todos os fatores que interagem e interferem no seu desempenho, procurando montar seu plano de ação com a finalidade de garantir a sobrevivência da empresa. Com isso deve-se fazer uma análise geral das variáveis e identificar as ameaças e oportunidades que existem para sua empresa.

O jogador de basquete da equipe da Uniara e que também foi universitário da instituição, Antônio Arnaldo Reatto dos Santos, o Toninho, fez seu trabalho de Conclusão do Curso de Administração de Empresas sobre o marketing da Uniara. Dessa forma, ele

traçou no final do ano de 2002 quais seriam as ameaças e oportunidades para a Uniara. O resultado está na tabela abaixo.

Eventos	Ameaças	Oportunidades	Sugestões
Concorrência	Aumento do número de Instituições de ensino na região.	Oferecer cursos com qualidade diferenciada.	Buscar as necessidades dos seus alunos.
Economia	Baixo poder aquisitivo.	Mensalidades com preços acessíveis, sem reajustes anuais.	Manter a política de mensalidades baixas.
Demanda	Área com espaço físico crítico com relação ao número de alunos.	Crescimento da Instituição.	Construção imediata de um outro Campus.

A partir dessa análise, Santos traçou quais seriam as principais concorrentes da Uniara e quais os pontos fortes e fracos de cada instituição, quando comparadas à Uniara. Com esse quadro, o administrador traçou um plano de marketing que continua tendo como ponto principal a busca da consolidação da marca “Uniara” através do marketing esportivo.

Um posicionamento diferenciado perante seus concorrentes é uma meta básica e lógica de qualquer empresa. O marketing esportivo adotado pela Uniara – entre diversas outras empresas² - foi o artifício utilizado pela empresa para diferenciar sua marca diante do mercado. Significa que a empresa escolheu propriedades para sua marca que as fazem melhor do que as marcas dos seus concorrentes. Patrocinando o esporte, a marca ganha novos atributos como resultados de mais valor, reforçando assim sua personalidade e adquirindo uma imagem mais positiva diante dos seus consumidores atuais e potenciais.

Uma equipe vitoriosa reserva ao público momentos inesquecíveis de emoção no esporte e, como a marca do patrocinador é parte do evento, a sua associação com tais momentos cria um vínculo psicológico forte e duradouro na cabeça do consumidor. Os novos atributos que passam a integrar a sua personalidade e imagem vão criar o

² NOGUEIRA, Gláucia. A Grande Jogadas das Universidades. *Revista Ensino Superior*, Agosto 2002, p. 20 e 21.

posicionamento da marca. Essa idéia de uma “equipe de sucesso” foi ligada à Uniara de uma forma tão rápida e forte, que desde 2002, toda a campanha publicitária para o vestibular da instituição está atrelada à equipe de basquete. Com essa junção, o vestibular passa a ser encarado como uma competição e o vestibulando deve se espelhar na equipe de basquete da Uniara para ter o mesmo resultado de sucesso e vitórias.

Um estudo mais detalhado está sendo desenvolvido pela instituição para quantificar como o marketing esportivo serviu de incentivo para os novos alunos da instituição. Porém uma observação preliminar mostrou que nos últimos vestibulares o número de alunos que vieram de outras regiões do estado de São Paulo e mesmo de outros Estados, tem aumentado significativamente. Alguns desses alunos, quando interrogados, dizem que tomaram conhecimento da instituição através da equipe de basquete.

O trabalho de Santos mostra ainda que há três elementos formadores da identidade de uma marca. O primeiro é a “sugestão”, cujo objetivo é fazer com que o consumidor aceite as idéias embutidas no conceito da marca. Ao ser sugestionado através das ações de patrocínio, ele perde as suas defesas e aceita as idéias facilmente, sem necessidade de quaisquer fundamentações racionais. O outro é a “imitação”, que é quando se cria uma tendência de seguimento em termos de atitude e comportamentos dos atletas vencedores, que são os protagonistas principais das ações de patrocínio. O consumidor, ao desejar ser igual a eles, compra seu produto e expressa sua preferência e fidelidade à marca do patrocinador. Por último, vem a “empatia”, que é o estágio mais completo, onde se consolida o aspecto afetivo da imitação e da sugestão. Neste caso, é total a identificação do consumidor com a marca do patrocinador. O administrador conclui que ao consumir um produto da marca do patrocinador, o consumidor realiza a evasão psicológica de que necessita, pois utiliza o consumo da marca como passaporte de entrada para o seu mundo irreal, imaginativo e que com certeza, muito melhor do que seu mundo real. Assim, o patrocínio exerce influência sobre a identidade e imagem da marca do patrocinador. Como elemento de formação e reforço da identidade da marca, o seu foco é na transferência e experimentação dos conceitos da marca. O objetivo é otimizar o poder de sugestão, que é exercido sobre o consumidor ao induzi-lo à preferência e ao consumo da marca.

A conclusão final desse Trabalho de Conclusão do Curso de Administração de Empresas foi “que o esporte é uma poderosa ferramenta de marketing na formação e divulgação da marca de uma empresa. O patrocinador investe seus recursos financeiros para custear as despesas do plano, e procura atingir seus objetivos, usando o esporte como principal veículo de comunicação. A maior motivação em investir no esporte, é a potencialização da marca, vindo com o vasto mercado representado pela legião de torcedores, praticantes, telespectadores, ouvintes e leitores. Com isso ela deseja promover a sua marca, seus produtos e serviços junto a esse público numeroso. Em troca, exige a promoção institucional de sua marca através de exposição e veiculação, adequando seu produto a modalidade esportiva. Assim ao investir no esporte, a empresa terá um aumento do reconhecimento do público, agregará valor à marca, obterá maior exposição da marca na mídia e com novos atributos que lhes são transferidos, distinguem-se dos demais concorrentes”.

4.3 Retorno de mídia da Uniara

O relatório de clipping disponibilizado pela assessoria de imprensa da Uniara mostra como a empresa foi abordada pela mídia³ entre os anos de 2000 e 2002. O relato mostra que a empresa tem ampliado consideravelmente sua cobertura pela mídia. Esse aumento é bastante significativo a partir de 2001, quando a equipe de basquete reforçada conseguiu atingir uma posição de destaque no cenário nacional. O gráfico abaixo mostra essa divisão de mídia da Uniara.

³ O levantamento é baseado nos três jornais de Araraquara – Tribuna Imprensa, O Imparcial e Folha da Cidade – e em dois jornais da cidade vizinha de São Carlos – Primeira Página e A Tribuna. Os veículos eletrônicos observados foram a EPTV Central – emissora da Globo em São Carlos – e TV Clube - emissora da Band em Ribeirão Preto. São essas duas emissoras que fazem a cobertura de Araraquara. Além delas, foram analisadas as emissoras a cabo, ESPN Brasil e Sportv, que transmitem respectivamente, o Campeonato Paulista e a Liga Nacional de Basquete.



Gráfico correspondente ao espaço de mídia que a Uniara obteve nos anos de 2000, 2001 e 2002.

Uma descrição mais detalhada da cobertura da mídia em 2002 mostra um detalhe muito interessante do ponto de vista do marketing esportivo. A Uniara apareceu mais na mídia através do desempenho da sua equipe de basquete do que pela sua produção científica e pelos projetos acadêmicos. Ou seja, se a empresa não tivesse feito essa aposta no patrocínio esportivo, ela teria tido 50% a menos de cobertura da mídia. A subdivisão entre o basquete e os assuntos gerais está no gráfico abaixo.



Gráfico da Subdivisão do ano de 2002 em dois assuntos: basquete e gerais.

Apenas por esses gráficos já poderíamos deduzir que a escolha da Uniara pelo patrocínio do basquete está gerando retorno. Porém, para que isso seja mensuravelmente comprovado, abaixo mostraremos os comparativos da CBB sobre o retorno que a Uniara teve de mídia eletrônica e impressa na Liga Nacional de 2002, quando foi vice-campeã. Vale lembrar que o investimento mensal da Uniara - patrocínio - gira em torno de R\$ 70.000,00 mensais, o que cobre despesas como folha de pagamentos; aluguéis de casas, energia elétrica, outros; viagens; material de treinamento; brindes promocionais; taxas da FPB e CBB.

CLUBE	TEMPO	R\$	US\$
COC/RIBEIRÃO PRETO	27h47min44s	22.530.261,50	9.084,78
FLAMENGO/PETROBRÁS	21h44min15s	18.102.793,80	7.299,51
BAURU/TILIBRA/COPIMAX	20h32min14s	17.271.430,20	6.964,28
VASCO DA GAMA	19h58min12s	17.182.485,60	6.928,42
UNIARA/FUNDESPORT	15h48min02s	16.253.234,60	6.553,72

Fonte: CBB – **JOGOS TRANSMITIDOS (por clube) PELA SPORTV – LIGA NACIONAL 2002**

CLUBE	TEMPO	R\$	US\$
FLAMENGO/PETROBRÁS	9h08min14s	4.043.350,00	1.630,08
VASCO DA GAMA	6h32min40s	2.942.663,00	1.186,56
FLUMINENSE	4h42min51s	2.009.004,30	810,09
COC/RIBEIRÃO PRETO	4h25min09s	1.896.640,00	764,79
BAURU/TILIBRA/COPIMAX	3h47min28s	1.698.930,70	685,07
UNIARA/FUNDESPORT	3h04min16s	1.339.804,30	539,61

Fonte: CBB – **REPORTAGENS (por clube) – LIGA NACIONAL 2002**

CLUBE	TEMPO	R\$	US\$
COC/RIBEIRÃO PRETO	32h12min53s	24.426.901,50	9.849,57
FLAMENGO/PETROBRÁS	29h52min29s	22.146.143,80	8.929,60
VASCO DA GAMA	26h30min52s	20.125.148,60	8.115,36
BAURU/TILIBRA/COPIMAX	25h19min42s	18.970.360,90	7.649,36
UNIARA/FUNDESPORT	18h52min18s	17.593.038,90	7.093,33

Fonte: CBB – **MÍDIA ELETRÔNICA (por clube) – LIGA NACIONAL 2002**

CLUBE	CM TEXTO	CM FOTO	CM TOTAL	RETORNO EM R\$	RET. EM US\$
FLAMENGO/PETROBRÁS	20.669,5	12.316,0	32.985,5	14.029.869,00	5.657,30
VASCO DA GAMA	10.771,5	5.259,5	16.031,0	7.892.587,00	3.182,40
FLUMINENSE	7.753,5	3.405,5	11.159,0	4.834.334,00	1.949,32
COC/RIBEIRÃO PRETO	5.682,0	1.447,5	7.129,5	3.038.238,00	1.225,09
BAURU/COPIMAX	6.704,5	2.390,0	9.094,5	2.712.029,50	1.093,48
UNIARA/FUNDESPT	5.507,5	1.550,0	7.057,5	2.576.441,00	1.038,89

Fonte: CBB – MÍDIA IMPRESSA (por clube) – LIGA NACIONAL 2002

CLUBE	R\$	%	US\$
FLAMENGO/PETROBRÁS	36.176.012,80	16.7	14.586,89
VASCO DA GAMA	28.017.735,60	13.0	11.297,76
COC/RIBEIRÃO PRETO	27.465.139,50	12.7	11.074,66
BAURU/TILIBRA/COPIMAX	21.682.390,40	10.0	8.742,84
UNIARA/FUNDESPT	20.169.479,90	9.3	8.132,22

Fonte: CBB – MÍDIA IMPRESSA E ELETRÔNICA (por clube) – LIGA NACIONAL 2002

O pró-reitor da Uniara, Fernando Mauro avalia o projeto de basquete da instituição. “Sempre gostei muito de basquete e acho que o time existiria independentemente de haver ou não o retorno financeiro esperado. Mas é inegável que a instituição atingiu uma projeção nacional que seria inviável conseguir apenas com propaganda e anúncios pagos. Espero que a Uniara continue por muito tempo sendo conhecida como um centro de excelência em basquete e ensino superior”.

CONCLUSÃO

Ao observar a estrutura da Uniara vemos que ela apresenta uma estrutura em formação, seja como instituição de ensino ou como fomentadora do esporte de rendimento, e que pode em médio e longo prazo se tornar, em ambos os setores, um centro de excelência. Porém, é preciso tomar cuidado para que o projeto de basquete da Uniara não seja mais um dos inúmeros outros patrocinadores/gestores, que após alguns anos de investimento, incluindo conquistas internacionais, não conseguiram avançar em bases sólidas e acabaram deixando cidades órfãs das equipes que a representavam. Vale lembrar que para isso não ocorrer é preciso estar atento não somente ao que acontece internamente dentro do campo esportivo. Afinal, as ligações internas desse campo podem ser diferenciadas e bem estruturadas, mas sempre vão estar sujeitas a fatores externos ao campo – como as condições econômicas e políticas do país. Daí a necessidade de políticas públicas de fomento ao esporte ou pelo menos, a existência de um projeto esportivo bem detalhado e definido para o país.

Enquanto essas diretrizes não ocorrem, principalmente com o esporte universitário, o que resta são iniciativas isoladas como a da Uniara e de algumas outras instituições de ensino superior, que estão tentando fazer sua parte ao trazer o esporte para próximo da educação. O intuito é caminhar lentamente para algo semelhante com o que ocorre no esporte universitário norte-americano. Assim, além dos clubes e empresas, as escolas passariam a ter posição fundamental na formação de novas gerações olímpicas.

Uma outra preocupação que o projeto de basquete da Uniara tem é ressaltar o aspecto social e de integração que o esporte possibilita, mesmo quando de rendimento. Assim, mais que um patrocinador de uma equipe, a Uniara em parceria com a Prefeitura Municipal de Araraquara está implantando diversas escolas gratuitas de basquete na cidade, para que o “efeito espelho” estimule diversos jovens da cidade a tentar seguir a cada vez mais concorrida carreira de atleta profissional. Mesmo sabendo que é muito complicado atingir o ápice nessa opção - vários fatores como talento, persistência, oportunidades estão envolvidos – fica a oportunidade da prática do desporto. Dessa forma, a iniciativa da Uniara é muito válida, pois mesmo que os praticantes não consigam se tornar profissionais,

eles sempre serão “torcedores especializados”, e que podem utilizar os benefícios da prática esportiva em qualquer outra área que vão seguir.

Além de todo aspecto social e de fomento ao esporte, o projeto de basquete da Uniara tem se mostrado muito rentável do ponto de vista de divulgação e fortalecimento da marca. Ter seu nome conhecido nacionalmente através do marketing esportivo é algo que incentiva a Uniara a insistir na manutenção e consolidação do seu projeto esportivo, que não se restringe apenas ao basquete. Projetos com bases sólidas, bem planejados e com intenção de se tornarem perenes são imprescindíveis para que o esporte nacional consiga se firmar como uma referência olímpica.